

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

MESTRADO EM LETRAS



MÁRCIA DE ÁVILA EVANGELISTA

**PROCESSO EPENTÉTICO VOCÁLICO NA AQUISIÇÃO DO
ESPAÑHOL L2 POR FALANTES NATIVOS DO PORTUGUÊS**

Pelotas

2017

MÁRCIA DE ÁVILA EVANGELISTA

**PROCESSO EPENTÉTICO VOCÁLICO NA AQUISIÇÃO DO ESPANHOL
L2 POR FALANTES NATIVOS DO PORTUGUÊS**

Dissertação apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cíntia Alcântara

Coorientador: Prof. Dr.^a Ana Lourdes Nieves Brochi Fernández

Pelotas

2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

E92p Evangelista, Márcia de Ávila

Processo epentético vocálico na aquisição do espanhol L2 por falantes nativos do português / Márcia de Ávila Evangelista ; Cíntia da Costa Alcântara, orientadora ; Ana Lourdes da Rosa Nieves Fernández, coorientadora. — Pelotas, 2017.

112 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Ditongos crescentes. 2. Epêntese vocálica. 3. Espanhol. I. Alcântara, Cíntia da Costa, orient. II. Fernández, Ana Lourdes da Rosa Nieves, coorient. III. Título.

CDD : 469.5

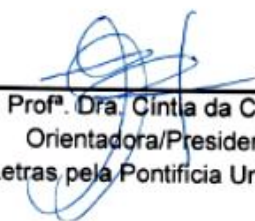
Márcia de Ávila Evangelista

**PROCESSO EPENTÉTICO VOCÁLICO NA AQUISIÇÃO
DO ESPANHOL L2 POR FALANTES NATIVOS DO PORTUGUÊS**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

23 de agosto de 2017

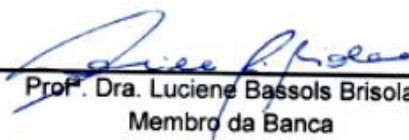
Banca examinadora:



Prof.^a Dra. Cintia da Costa Alcântara
Orientadora/Presidente da Banca
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof.^a Dra. Ana Lourdes da Rosa Nieves Brochi Fernández
Coorientadora/Membro da Banca
Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas



Prof.^a Dra. Luciene Bassols Brisolara
Membro da Banca
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof.^a Dra. Ana Paula Nobre da Cunha
Membro da Banca
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas



Prof.^a Dra. Leticia Fonseca Richthofen de Freitas
Membro da Banca
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Dedico à Eduarda Evangelista e à Marina
Evangelista, minhas companheiras de vida e
motivos de minha constante busca.**

Agradecimentos

Agradeço a Deus a oportunidade da vida.

Agradeço à minha mãe, Jandira Pereira de Ávila, pela vida e exemplo de luta e determinação. Onde estejas, meu muito obrigada.

Agradeço, também à minha orientadora Cíntia da Costa Alcântara e à minha coorientadora Ana Lourdes da Rosa Nieves Fernández, exemplos de dedicação e aplicação do verbo professar.

À Cíntia Victória de Azambuja, por dividir momentos de dúvidas e conhecimentos ao longo do percurso.

À professora Carmen Matzenauer.

À coordenação e aos professores do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

À José Luís Fernandes da Silveira, meu companheiro de estrada, pelo apoio e compreensão.

Ao professor Uruguay Cortazzo Gonzáles pela inspiração e apoio na coleta de dados, aos informantes e a todos que de algum modo contribuíram para a realização desta pesquisa.

Epígrafe

“Todo lo que usted quiera, sí señor, pero son las palabras las que cantan, las que suben y bajan... Me prosterno ante ellas... Las amo, las adhiero, las persigo, las muerdo, las derrito... Amo tanto las palabras... Las inesperadas... Las que glotonamente se esperan, se acechan, hasta que de pronto caen... Vocablos amados... Brillan como perlas de colores, saltan como platinados peces, son espuma, hilo, metal, rocío... Persigo algunas palabras... Son tan hermosas que las quiero poner todas en mi poema... Las agarro al vuelo, cuando van zumbando, y las atrapo, las limpio, las pelo, me preparo frente al plato, las siento cristalinas, vibrantes ebúrneas, vegetales, aceitosas, como frutas, como algas, como ágatas, como aceitunas... Y entonces las revuelvo, las agito, me las bebo, me las zampo, las trituro, las emperejilo, las liberto... Las dejo como estalactitas en mi poema, como pedacitos de madera bruñida, como carbón, como restos de naufragio, regalos de la ola... Todo está en la palabra... Una idea entera se cambia porque una palabra se trasladó de sitio, o porque otra se sentó como una reinita adentro de una frase que no la esperaba y que le obedeció. Tienen sombra, transparencia, peso, plumas, pelos, tienen de todo lo que se les fue agregando de tanto rodar por el río, de tanto transmigrar de patria, de tanto ser raíces... Son antiquísimas y recientísimas... Viven en el féretro escondido y en la flor apenas comenzada... Que buen idioma el mío, que buena lengua heredamos de los conquistadores torvos... Éstos andaban a zancadas por las tremendas cordilleras, por las Américas encrespadas, buscando patatas, butifarras, frijolitos, tabaco negro, oro, maíz, huevos fritos, con aquel apetito voraz que nunca más se ha visto en el mundo... Todo se lo tragaban, con religiones, pirámides, tribus, idolatrías iguales a las que ellos traían en sus grandes bolsas... Por donde pasaban quedaba arrasada la tierra... Pero a los bárbaros se les caían de las botas, de las barbas, de los yelmos, de las herraduras, como piedrecitas, las palabras luminosas que se quedaron aquí resplandecientes... el idioma. Salimos perdiendo... Salimos ganando... Se llevaron el oro y nos dejaron el oro... Se lo llevaron todo y nos dejaron todo... Nos dejaron las palabras.”

Pablo Neruda - Confieso que he vivido

RESUMO

EVANGELISTA, Márcia de Ávila. Processo epentético vocálico na aquisição do Espanhol L2 por falantes nativos do português. 2017. 120 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Este trabalho tem por objetivo investigar e analisar, à luz da Teoria da sílaba (Selkirk, 1982) e da Teoria autosegmental (Clements & Hume, 1995), o processo epentético na aquisição do espanhol como L2, por falantes nativos do Português Brasileiro. A inserção do glide palatal [j] promove a formação de um ditongo crescente em contexto no qual inexistia na língua alvo. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram coletados dados de 34 graduandos do Curso de Letras Português e Espanhol da Universidade Federal de Pelotas do 1º, 3º e 7º semestre. Para a constituição do *corpus*, foi proposto um instrumento composto de leitura de palavras isoladas, leitura de frases e detextos autênticos, bem como entrevista sociolinguística. Após oitiva e codificação, os dados foram submetidos ao Programa Computacional GoldVarb 2001 (versão 3.0b3); controlaram-se variáveis linguísticas e extralinguísticas. Os resultados apontaram que o contexto preferencial de inserção do glide palatal [j] é uma sílaba fechada, do padrão CVC, e que o contexto precedente e seguinte carregam, preferencialmente, uma vogal coronal média-alta; além disso, o nível principiante no estudo formal do espanhol-L2 é aquele que mais se sobressai no emprego do glide palatal.

Palavras-chave: ditongos crescentes; epêntese vocálica; espanhol.

ABSTRACT

This study has as main goal to investigate and analyze, under the Syllable Theory (Selkirk, 1982) and the Autosegmental Theory (Clements & Hume, 1995), the epenthetic process in the L2 Spanish Language Acquisition, by Brazilian Portuguese native speakers. The palatal glide insertion [j] promotes the formation of a rising diphthong in a contexto which there is not into the target language. In order to develop the research, it was collected data from 34 Letters Course students - Portuguese and Spanish; from first, third and seventh semester of Pelotas Federal University. For the *corpus* constitution, it was proposed an instrument composed by isolated words reading, sentences reading and authentic texts, as well as sociolinguistic interview. After the auditory and codificaton, the data were submitted to the GoldVarb 2001(3.0b3 version) Computational Program, it was controlled the linguistics and extralinguistics variables. The results showed that the preferred context of the palatal glide insertion [j] is a closed syllable, from CVC standard and that the previous and ahead contexto carry, preferably, médium-high vowel, besides that, the early level in the formal Spanish study as L2, is the one which stands out at the palatal glide usage.

Key-words: rising diphthong; epenthetic vowel; Spanish

RESUMEN

EVANGELISTA, Márcia de Ávila. Proceso epentético vocálico en la adquisición del Español por hablantes nativos del Português. 2017. 120 p. Disertación (Máster em Letras) – Programa de Posgrado en Letras, Centro de Letras y Comunicación, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Este trabajo tiene por objetivo investigar y analizar, a la luz de la Teoría de la sílaba (Selkirk, 1982) y la Teoría autossegmental de (Clements & Hume, 1995), el proceso epentético en la adquisición del español como L2, por hablantes nativos del portugués brasileño. La inserción del glide palatal [j] promueve la formación de un diptongo creciente en contexto en el que no existe en la lengua objeto. Para el desarrollo de la investigación, fueron recolectados datos de 34 graduandos del Curso de Letras Português y Español de la Universidad Federal de Pelotas del 1º, 3º y 7º semestre. Para la constitución del *corpus*, se propuso un instrumento compuesto de lectura de palabras aisladas, lectura de frases y textos auténticos, así como entrevista sociolingüística. Después de la codificación, los datos fueron sometidos al Programa Computacional GoldVarb 2001 (versión 3.0b3); se controlaron variables lingüísticas y extralingüísticas. Los resultados apuntaron que el contexto preferencial de inserción del glide palatal [j] es una sílaba cerrada, del estándar CVC, y que el contexto precedente y siguiente cargan, preferentemente, una vocal coronal media-alta; además, el nivel principiante en el estudio formal del español-L2 es aquel que más sobresale en el empleo del glide palatal.

Palabras claves: epéntesis vocálica; español; diptongos crecientes

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da sílaba na Teoria Autossegmental.....	31
Figura 2: Representação da sílaba em constituintes binários	32
Figura 3: Aspiração de /s/ em espanhol	33
Figura 4: Representação da descrição da Regra de aspiração de /s/ pela Teoria Métrica	33
Figura 5: Representação de descrição da velarização da nasal pela Teoria Métrica.....	34
Figura 6: Representação da regra de aspiração de /s/	34
Figura 7: Representação da regra de valorização de /n/.....	35
Figura 8: Rimas pesadas e leves	36
Figura 9: Evolução do sistema vocálico do espanhol.....	42
Figura 10: Vogais átonas do espanhol	51
Figura 11: Verdadeiro ditongo	61
Figura 12: Falso ditongo (ditongo leve)	62
Figura 13: Representação do espriamento vocálico	63
Figura 14: Representação do espriamento vocálico	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplos de alguns vocábulos verbais em que há a epêntese de glide [j]...	17
Quadro 2: Exemplos de vocábulos nominais com a inserção do glide [j].....	17
Quadro 3: Presente do modo indicativo do verbo pensar em	18
Quadro 4: Presente do modo indicativo do verbo contar em espanhol	18
Quadro 5: Exemplos da estrutura silábica do espanhol	37
Quadro 6: Regras de silabação de consoantes.....	41
Quadro 7: Estrutura silábica em espanhol	41
Quadro 8: Sistema vocálico do espanhol	44
Quadro 9: Posição tônica, pretônica e postônica no espanhol.....	45
Quadro 10: Sequências das vogais médias e baixa do espanhol /a, e, o/ silabadas em hiato	46
Quadro 11: Sequências das vogais altas acentuadas do espanhol	47
Quadro 12: Sequências de dois vocoides altos iguais	47
Quadro 13: Formação de ditongos crescentes em espanhol	52
Quadro 14: Ditongos crescentes do espanhol.....	53
Quadro 15: Ditongos decrescentes do espanhol.....	54
Quadro 16: Vogais em posição tônica.....	55
Quadro 17: Vogais em posição pretônica	56
Quadro 18: Vogais em posição postônica não-final	56
Quadro 19: Vogais em posição postônica final	57
Quadro 20: Ditongos variáveis	59
Quadro 21: Ditongos crescentes	59
Quadro 22: Resultados	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Escala de sonoridade	39
Tabela 2: Escala de valor de sonoridade em espanhol.....	39
Tabela 3: Categoria fonológica do segmento precedente à posição de inserção do glide palatal [j].....	78
Tabela 4: Consoante onset da sílaba alvo da epêntese quanto ao ponto de articulação	79
Tabela 5: Consoante onset da sílaba alvo da epêntese quanto ao modo de articulação	81
Tabela 6: Vogal da sílaba precedente à inserção do glide [j] quanto ao ponto de articulação.....	82
Tabela 7: Vogal da sílaba precedente quanto à abertura.....	83
Tabela 8: Vogal da sílaba seguinte quanto ao ponto de articulação	84
Tabela 9: Vogal da sílaba seguinte quanto à abertura	85
Tabela 10: Consoante coda da sílaba alvo quanto ao modo de articulação	86
Tabela 11: Consoante coda da sílaba alvo de epêntese quanto a ponto de articulação	87
Tabela 12: Realização da epêntese do glide [j] quanto ao gênero gramatical	88
Tabela 13: 'Instrumentos de coleta'	89
Tabela 14: Realização da epêntese do glide [j] quanto ao nível de estudo formal.....	92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 A INTERLÍNGUA	21
2.2 A TEORIA DA SÍLABA	30
2.2.1 A Sílaba	30
2.2.2 Tipos de Sílabas	35
2.3 A ESTRUTURA SILÁBICA DO ESPANHOL	37
2.4 O SISTEMA VOCÁLICO DO ESPANHOL DO PRATA.....	42
2.4.1 Vogais labializadas e deslabializadas do Espanhol	44
2.4.2 Vogais tônicas e átonas do Espanhol	45
2.5 OS DITONGOS DO ESPANHOL	46
2.5.1 Evolução histórica dos ditongos em Espanhol	49
2.5.2 Ditongos crescentes	52
2.5.3 Ditongos decrescentes	54
2.6 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS: VOGAIS ORAIS.....	54
2.7 OS DITONGOS DO PORTUGUÊS	58
2.7.1 Ditongos crescentes	58
2.7.2 Ditongos decrescentes	60
2.8 EPÊNTESE	63
2.8.1 A epêntese no Português Brasileiro	63
2.8.2 A Epêntese no Espanhol	64
2.9 A TEORIA AUTOSSEGMENTAL (CLEMETS E HUME, 1995).....	65
3 METODOLOGIA	69
3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA.....	69
3.2 OS INFORMANTES	72
3.3 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	73
3.3.1 Variáveis dependentes	73
3.3.2 Variáveis independentes	73
4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	78
4.1 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS	78
4.1.1 Contexto precedente à posição em que pode ocorrer o glide [j], quanto à categoria fonológica	78

4.1.2 Consoante <i>onset</i> da sílaba alvo da epêntese quanto ao ponto de articulação.....	79
4.1.3 Consoante <i>onset</i> da sílaba alvo de epêntese quanto ao modo de articulação.....	80
4.1.4 Vogal da sílaba precedente quanto ao ponto de articulação.....	82
4.1.5 Vogal da sílaba precedente quanto à abertura	83
4.1.6 Vogal da sílaba seguinte quanto ao ponto de articulação	84
4.1.7 Vogal da sílaba seguinte quanto à abertura	85
4.1.8 Consoante <i>coda</i> da sílaba alvo de epêntese quanto ao modo de articulação.....	86
4.1.9 Consoante <i>coda</i> da sílaba alvo de epêntese quanto a ponto de articulação	87
4.1.10 'Gênero gramatical dos vocábulos em que ocorre a epêntese do glide [j]	88
4.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	89
4.2.1 Instrumentos de coleta.....	89
4.2.2 Nível de adiantamento no estudo do espanhol como L2	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
ANEXO 1	105
ANEXO 2	106
ANEXO 3	108
ANEXO 4	111
ANEXO 5	113
ANEXO 6	117
ANEXO 7	118

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, há uma crescente demanda no ensino de Espanhol como língua estrangeira (E/LE) e, por razões geográficas, culturais, políticas e sociais o idioma ganha difusão no cenário universitário brasileiro, ocorrendo assim, um aumento significativo pela procura dos cursos de espanhol.

A proximidade existente entre ambos os idiomas Português Brasileiro (PB) e Espanhol (E), inicialmente, faz com que os aprendizes¹ de espanhol tenham a impressão de que esse é um idioma fácil de ser aprendido, visto que existe certo grau de inteligibilidade entre ambas as línguas, já que derivam de línguas românicas e possuem um número considerável de vocábulos com grafia idêntica ou de maneira previsivelmente similar, mesmo que com diferentes pronúncias.

Há muitos vocábulos idênticos entre português e espanhol, não obstante, com significados diferentes, entre os quais se enquadram os falsos cognatos ou heterossemânticos, não menos importantes de ser analisados no ensino e aprendizado da língua, embora não interessem a este trabalho. No entanto, essa proximidade que inicialmente causa ao aprendiz a ideia de que a tarefa de aprendizado seja simples, amiúde pode tornar-se um problema, dificultando o aprendizado do espanhol como L2², partindo da premissa de que já detém o domínio desse idioma.

A crença de que o espanhol é um idioma de fácil aprendizado para os falantes do português, não necessitando de muito estudo para o seu efetivo domínio, pode ser motivada dada a semelhança entre ambas as línguas, sobretudo, quando apoiada na teoria da Análise Contrastiva. LADO, (1957) defende que a aprendizagem de uma LE se dá proporcional às semelhanças e diferenças na língua materna (LM).

Deste modo, o aprendiz pode acreditar que o espanhol é uma língua transparente, não se detendo nos aspectos fonético/fonológicos, sintáticos, semânticos

¹ Utilizar-se-ão os termos aquisição e aprendizagem como formas intercambiáveis.

² O termo L2 será utilizado pela pesquisadora em virtude das discussões acerca das terminologias segunda língua e língua estrangeira serem frequentemente utilizadas como sinônimas, no entanto, segundo Leffa (1988, p. 211-236) em seu artigo Metodologia do ensino de línguas, o autor distingue os termos explicando que, de um lado, uma segunda língua se caracteriza como o idioma falado fora da sala de aula e como exemplo, cita estudantes de francês como L2 que estejam estudando o idioma na França. De outro lado, a expressão língua estrangeira, segundo Leffa, é o estudo em sala de aula de uma língua que não é utilizada pela comunidade, por este motivo, optou-se aqui pelo uso da sigla L2 como abrangente de ambas as terminologias.

e discursivos da língua. No entanto, é preciso atentar para questões de extrema importância na aquisição de uma L2, como a relevância da fonética e da fonologia tanto da língua alvo, quanto da língua materna, visto que os manuais de ensino de língua espanhola, para estrangeiros, costumam contemplar de modo muito breve os conteúdos fonéticos e fonológicos do idioma, não permitindo ao docente que se explore mais sobre assunto tão pertinente e necessário para o ensino e aprendizado de um idioma.

Durante os estudos na Graduação no Curso de Letras Português e Espanhol, na Universidade Federal de Pelotas, observou-se a nítida dificuldade de alguns alunos em pronunciar determinados sons da língua estrangeira e atentando para o fato, percebeu-se que ocorria frequentemente a inserção de algumas vogais inexistentes em vocábulos da língua alvo, o que também se observou durante a prática docente, resultando no interesse em desenvolver o presente trabalho.

O fenômeno em análise trata-se da inserção dos glides palatal [j] e labio-dorsal [w]³, respectivamente, tanto em vocábulos verbais como não verbais, a exemplo das palavras dos Quadros 1 e 2, a seguir apresentados, os quais possuem dados coletados com os informantes da pesquisa. No entanto, o foco de análise será o glide palatal, em virtude da pouca ocorrência do glide dorsal.

³ Nos dados coletados observaram-se formas vocabulares inexistentes no espanhol, que se aproximam de vocábulos do português, em que há a epêntese estudada: vas[we]ra para *escoba* 'vassoura'; ac[we]rdo para *despierto* 'acordo'. No entanto, como o interesse são os vocábulos da língua-alvo, esses neologismos não serão analisados.

Quadro 1: Exemplos de alguns vocábulos verbais em que há a epêntese de glide [j]

Vocábulo produzido	Vocábulo em espanhol	Vocábulo em português
<i>C[we]ntamos</i>	<i>C[o]ntamos</i>	<i>Contamos</i>
<i>P[je]nsamos</i>	<i>P[e]nsamos</i>	<i>Pensamos</i>
<i>Ten[je]mos</i>	<i>Ten[e]mos</i>	<i>Temos</i>

Quadro 2: Exemplos de vocábulos nominais com a inserção do glide [j]

Vocábulo produzido	Vocábulo em espanhol	Vocábulo em português
<i>P[je]rro</i>	<i>P[e]rro</i>	<i>Cachorros</i>
<i>L[je]ntes</i>	<i>L[e]ntes</i>	<i>Óculos</i>
<i>P[je]z</i>	<i>P[e]z</i>	<i>Peixe</i>

Os exemplos expostos no (Quadro1) são referentes a alguns dos dados coletados com os informantes que participaram da pesquisa. Esse material parece apontar para uma possível generalização relativamente a aspectos linguísticos que o aprendiz percebe na língua alvo.

Alguns verbos da língua espanhola apresentam ditongação em determinados tempos verbais e pessoas do discurso, tome-se como exemplo os verbos pensar e contar, cuja conjugação possui irregularidades na primeira e segunda pessoas do singular e na terceira pessoa do plural, e que podem ser verificados em manuais de verbos, como em *Conjugar es fácil* (2008, p. 13 - 42), conforme apresentado nos quadros 3 e 4 .

Quadro 3: Presente do modo indicativo do verbo pensar em

Yo	<i>Pienso</i>
Tú/vos	<i>piensas / pensás</i>
Usted	<i>Piensa</i>
Él/ella	<i>Piensa</i>
Nosotros	<i>Pensamos</i>
Vosotros	<i>Pensáis</i>
Ellos/ellas	<i>Piensan</i>

Fonte: Gonzáles, 2008, p.13

Quadro 4: Presente do modo indicativo do verbo contar em espanhol

Yo	<i>Cuento</i>
Tú/vos	<i>cuentas/ contás</i>
Él/ella	<i>Cuenta</i>
Nosotros	<i>Contamos</i>
Vosotros	<i>Contáis</i>
Ellos/ellas	<i>Cuentan</i>

Fonte: Gonzáles, 2008, p. 42

Segundo Hualde (2014), em espanhol uma das alternâncias mais notórias é a da vogalmédia- alta /e/, que alterna com o ditongo /ie/, e a vogal média alta /o/ que alterna com o ditongo /ue/. O autor ressalta que embora a alternância possua aspectos sistemáticos nos verbos, não é possível predizer a partir dos verbos em infinitivo, quais verbos possuem essa alternância, podendo assim, interferir na aquisição dos verbos em espanhol.

Os dados coletados para a pesquisa apontam a ocorrência da inserção do glide palatal [j] em inúmeros vocábulos verbais, como os supracitados no Quadro 1, nos quais se pode perceber que há uma certa generalização da ditongação, citada por Hualde. No entanto, há ditongação também em vocábulos nominais, como os apresentados no Quadro 2, o que permite afirmar que o fenômeno não se atém

somente a verbos, podendo haver outros motivos que impliquem no processo epentético do glide [j] em vocábulos do espanhol, produzidos pelos aprendizes.

A relevância do presente estudo está em realizar uma descrição e análise de alguns aspectos fonológicos do espanhol, os quais têm recebido pouca atenção na literatura. Ademais, pretende contribuir para o fomento da discussão sobre a importância do ensino da pronúncia do espanhol como L2, a partir dos resultados obtidos com esta pesquisa.

Dadas as observações registradas, suscitou-se a busca do motivo pelo qual tais fatos ocorriam, percebendo-se a necessidade de investigar um aspecto fonológico: a sílaba no espanhol, cotejando-a com o PB, já que é nesse constituinte que ocorre a epêntese do glide palatal [j].

Deste modo pretende-se alcançar os seguintes objetivos específicos:

- i) Reconhecer as possíveis variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionadoras do fenômeno em questão;
- ii) Analisar e descrever os possíveis fatores linguísticos que favoreçam a inserção do glide palatal [j] nos vocábulos da língua alvo, à luz da Teoria Autosegmental;
- iii) Comparar as estruturas silábicas de ambas as línguas- português e espanhol;
- iv) Contribuir para a discussão do processo de aquisição do espanhol como língua estrangeira.

As hipóteses desta pesquisa são as seguintes:

- i) A epêntese vocálica decorre de um processo assimilatório dos traços de altura do elemento que lhe é contíguo.
- ii) A vogal alta coronal /i/ é preferida como alvo de epêntese à dorsal /u/, em virtude da pouca ocorrência desse elemento como forma epentética, ou seja, o glide dorsal [w].
- iii) Quanto maior o domínio da língua-alvo, o espanhol, menos uso se fará de formas ditongadas não pertencentes ao idioma.

Para a organização do trabalho, optou-se por dividi-lo em cinco capítulos. No presente capítulo apresentam-se as partes constitutivas deste texto.

O segundo capítulo apresenta o Referencial Teórico que norteia a pesquisa, abordando questões relacionadas à interlíngua, à teoria da sílaba, aos padrões silábicos de ambos os sistemas (português e espanhol), à epêntese, bem como os ditongos em ambos os idiomas, chegando aos pressupostos dos modelos teóricos, utilizados como suporte para a análise dos dados.

O terceiro capítulo apresenta o *corpus* que compõe a pesquisa, bem como a metodologia empregada.

No quarto capítulo é apresentada a descrição e análise dos dados.

Seguem-se as considerações finais, no quinto capítulo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A INTERLÍNGUA

Por décadas, os erros produzidos na aquisição de uma L2 foram vistos como um fator negativo e um obstáculo na aquisição da língua alvo.

Até a década de 70, a Análise Contrativa (doravante AC) teve papel de destaque na área da linguística, pois se apoiava na ideia de que o sistema linguístico da língua alvo e da LM deveriam ser cotejados e analisados e, a partir de suas semelhanças e diferenças, seriam previsíveis as dificuldades encontradas pelos aprendizes no processo de ensino/aprendizagem.

Segundo Fernández (1997), a AC com base em princípios behavioristas, concebia que a língua seria um sistema aprendido por estímulo e resposta e no qual, a LM era vista como um empecilho na aquisição da língua estrangeira, já que aspectos da língua materna eram transferidos para a língua alvo, interferindo no ensino e aquisição da L2.

A AC sofreu diversas críticas, dentre elas, o fato de concentrar-se apenas em analisar as interferências interlinguais (erros provenientes do sistema da LM), ignorando as interferências do sistema alvo, como a generalização de uma regra da língua-alvo ou de outra língua estrangeira.

A partir da década de sessenta, e já sob a influência direta da teoria gerativista de Chomsky⁴, surge a Análise de Erros (doravante AE), sob a qual os erros produzidos pelos aprendizes de uma língua estrangeira passaram a ser vistos por uma nova ótica que relega a ideia de produção de uma língua imperfeita. O que até então era visto como erro, passa a ser considerado como uma forma criativa que o aprendiz utiliza para sistematizar de forma lógica a língua-alvo, considerando conhecimentos linguísticos da língua materna, bem como formulando hipóteses na língua alvo.

Pit Corder, um dos primeiros linguistas a distinguir erro de equívoco, atribui o primeiro ao fato de o aprendiz não conhecer a língua, enquanto equívoco seriam lapsos

⁴ A linguística Chomskyana ou Gerativismo postula a existência de um dispositivo mental inato, Gramática universal (GU). O dispositivo é o responsável pela possibilidade de o ser humano desenvolver a linguagem e produzir a partir de um número finito de palavras infinitas sentenças. (ILARI, 2005, p. 53-92).

da memória, falta de atenção ou cansaço. Portanto, sob a perspectiva da AE os erros que o aprendiz produz na produção de uma L2 não são aleatórios e, sim, padronizados já que lança mão de uma gramática mental própria. “Cometer errores es, pues, una estrategia que se emplea tanto por los niños que adquieren su lengua materna como por individuos que aprenden una segunda lengua”(CORDER, 1992, p.38).

Fernández (1997, p.18) afirma, com base na observação de produções dos aprendizes ao tentar elaborar frases na L2, poder-se verificar que as produções, embora não sejam as que um nativo do espanhol produziria, não são aleatórias, o *output* exposto pelo aprendiz revela um sistema intermediário construído por ele, diferente da L2 e da LM.

A partir das pesquisas de Corder, seu discípulo Larry Selinker, cunhou e disseminou o termo interlíngua (IL) para esse sistema intermediário.

Segundo Miccoli (2013, p. 59),

Selinker (1972) refinou seu modelo, definindo interlíngua como gramática temporária, cuja sistematicidade se manifesta em regras linguísticas subjacentes à compreensão e à produção da língua estrangeira. Essa gramática, além de permeável, é variável por ser criada por cada aprendiz.

A utilização de conhecimentos linguísticos e habilidades comunicativas, tanto maternas como de uma língua aprendida anteriormente no processo de aprendizado da língua estrangeira, é um processo de transferência que auxilia no processamento e na produção de mensagens na língua alvo.

A partir da observação da produção linguística do aprendiz, Selinker concluiu que é possível algumas previsões, observando a sua LM; deste modo, faz-se necessária a observação dos enunciados na LM, dos enunciados na Interlíngua e nos enunciados da língua-alvo (SELINKER, 1972, p. 209).

Segundo o autor, é preciso observar os cinco processos que ele considera centrais na aprendizagem da língua estrangeira:

- v) Transferência da língua materna para a L2;
- vi) A transferência do que lhe foi ensinado para outro contexto;

- vii) Estratégias de aprendizagem na L2;
- viii) Estratégias de comunicação na L2;
- ix) Supergeneralização de regras aprendidas da L2.

Fernández López (1995) afirma em seu artigo “Errores e interlengua en la aprendizaje del español como lengua extranjera”, que o erro é um passo obrigatório que deve ser visto como indício e estratégia no processo de aprendizagem, processo este que passará por estágios ou Interlengua, até chegar à língua meta.

O autor afirma, ainda, que em aprendizes adultos a percepção do erro, leva a um recorte na comunicação, visto que o mesmo evita a exposição por inibição e receio da correção pública das possíveis falhas. De acordo com Fernández, a Interlengua possui sua metodologia privilegiada na análise dos erros, mas não somente, já que, no que se considera um sistema aproximado, existem estruturas diferentes das da língua alvo, formas errôneas, mas que também produzem muitas estruturas corretas, segundo as normas do novo idioma.

O aumento dos erros em termos quantitativos não significa um retrocesso, mas um progresso, visto que o aprendiz se expõe mais ao erro à medida que se arrisca mais na construção das estruturas da língua estrangeira, utilizando-se mais de regras que desenvolve. Lopes (1990) cita o artigo de Corder “The significance of learners errors” que corrobora com este novo conceito sobre os erros, assinalando, em termos teóricos, uma mudança na sua valorização.

“Estos errores tienen un triple significado. Primero para el profesor: si éste emprende un análisis sistemático, los errores le indicarán dónde ha llegado el estudiante en relación con el objetivo propuesto y lo que le queda por alcanzar. Segundo, proporcionan al investigador indicaciones sobre cómo se aprende o se adquiere una lengua, sobre las estrategias y procesos utilizados por el aprendiz en su descubrimiento progresivo de la lengua. Y por último (y en algún sentido lo más importante) son indispensables para el aprendiz pues se puede considerar el error como un procedimiento utilizado por el que aprende para aprender una forma de verificar sus hipótesis sobre el funcionamiento de la lengua que aprende. Hacer errores es por tanto una estrategia que emplean los niños en la adquisición de su L1 y del mismo modo los aprendices de una

lengua extranjera" (CORDER, 1981, p.7, apud Fernández Lopes, 1990, p. 208)⁵

Dentre as estratégias que envolvem a interlíngua, encontram-se as generalizações de uma regra da língua meta, que produz erros de hipergeneralizações, bem como recorrer à língua materna ou a outra língua estrangeira (o que pode provocar interferências). Fernández (1995) afirma que o processo possui estágios, resumindo-os do seguinte modo:

Estágios iniciais:

- x) Estratégias interlinguais, com frequente recorrência à LM ou a outra LE;
- xi) Neutralização de oposições;
- xii) Imitação de frases feitas;
- xiii) Redução das marcas com menos carga semântica;
- xiv) Uso das formas menos marcadas ou mais usuais;
- xv) Síntese do que se pretende comunicar;
- xvi) Repetições com pretensões de esclarecimento;

Nesse estágio segundo a autora o aprendiz tende a utilizar estratégias interlinguais, como a utilização da conjunção adversativa *pero* ('mas' em português), o que denota que o aprendiz adquiriu a conjunção adversativa, no entanto, utiliza-a de modo equivocado e em contextos nos quais não faz sentido. Outro exemplo é segundo a autora, a formação de verbos a partir de nomes, seguindo um modelo frequente, como *tormentado* > tormenta, *preciar* > *precios* = 'preço', em que o aprendiz produz criações livres, que refletem a capacidade de lançar mão do vocabulário adquirido, mas de modo equivocado.

⁵ "Esses erros possuem um triplo significado. Primeiro para o professor: caso este empreenda uma análise sistemática, os erros indicarão até onde chegou o aprendiz no que corresponde ao objetivo proposto e ao que ainda resta alcançar. Segundo, proporcionam ao pesquisador indicações sobre como se aprende ou se adquire uma língua, segundo as estratégias e processos utilizados pelo aprendiz em seu aprendizado progressivo da língua. Por fim (e de certo modo o mais importante) são indispensáveis para o aprendiz, pois, pode-se considerar o erro como um procedimento utilizado pelo aprendiz como uma forma de verificar suas hipóteses sobre o funcionamento da língua que aprende. Cometer erros é, portanto, uma estratégia empregada pela criança na aquisição de sua L1 do mesmo modo que o fazem os aprendizes de uma língua estrangeira". (Tradução da pesquisadora)

Quanto aos estágios intermediários, apresentam as seguintes características:

Estágios intermediários:

- xvii) Predominam as estratégias interlínguas,
- xviii) Interferências,
- xix) Generalizações de paradigmas,
- xx) Analogias com formas próximas,
- xxi) Intercruzamento de formas próximas,
- xxii) Hipercorreções,
- xxiii) Paráfrases.

Persistem nesse estágio as estratégias da etapa anterior, aumentam a produção e o risco e há uma impressão equivocada de que os erros aumentam; no entanto, ao considerar-se o aumento da produção, esses diminuem, segundo a autora.

Relativamente ao estágio avançado, a autora assevera que é nesse período que se consolidam as hipóteses válidas, ademais as estratégias se assemelham às utilizadas por falantes nativos, havendo autocorreção diante de erros fossilizáveis.

Fernández (1995), no que tange ao estágio avançado, ilustra erros na formação de palavras, como, por exemplo, em generalizações, não normativas, em que o aprendiz pode apresentar construções a partir de sufixação, como em: ‘escritero’ (para escritor), ‘trabajero’ (para trabalhador), ‘cantadero’ (para cantor) etc.

Com respeito aos exemplos ilustrados relativos ao estágio avançado, citado por Fernández (1995), pode-se afirmar que o aprendiz demonstra conhecimento sobre o mecanismo de formação de palavras, bem como a utilização dos sufixos; no entanto, desconhece as regras, lançando mão de neologismos, visto que o sufixo ‘ero’ é utilizado para nominalizar algumas profissões no idioma como ‘panadero, botonero, cartero’.

Outro exemplo é a oposição nos verbos em pretérito imperfeito e perfeito, feita pelo aprendiz de espanhol, com a qual são associadas expressões como *el día* ‘o dia’; *toda la noche* ‘toda noite’; *las vacaciones* ‘as férias’; *mucho* ‘muito’. Pode-se observar na citação de Fernández (1995, p. 210), com respeito ao conceito de valor de duração,

um erro sistemático referente à metodologia utilizada no ensino dos referidos tempos verbais:

“Habían tantas cosas a contar que charlábamos toda la tarde.”, “No sea que no me gustaban los días que estaba allí”, “Durante dos días alquilábamos dos motos.”, “Este verano trabajaba todos los días.”, “Durante las vacaciones de Navidad pasaba muy bien”. “Los momias de los faraones que dominaban tanto tempo”. “Pasábamos tres largos días en el Cairo.”⁶

As construções utilizadas por Fernández no exemplo, denotam que o aprendiz interiorizou o uso do pretérito perfeito e imperfeito em espanhol, associando-o ao conceito de duração, por isso o uso de expressões como *todos los días*, *las vacaciones*, *la noche* = ‘todos os dias’, ‘as férias’, ‘a noite’. Os exemplos denotam a sistematização de um erro, segundo a autora, provavelmente, induzido pela metodologia utilizada no ensino dos respectivos verbos.

Portanto, dadas as explicações, observa-se que os erros, distantes de ser um pecado, são necessários e servem como mecanismos para a aprendizagem, auxiliando no entendimento de como se dá a aquisição do idioma, situando ao professor no estágio em que está o aprendiz, bem como evidenciando falhas na metodologia que podem ser retificadas.

Fernández (1995, p. 211) acrescenta que, na Análise de Erros, o método utiliza-se das construções para entender como se aprende uma língua, quais os estágios e processos que podem prejudicar o aprendiz.

“El error no es un pecado, es un mecanismo activo necesario para aprender, es ineludible. — Nos ayuda a entender cómo se aprende una lengua, cuáles son sus estadios, qué procesos se ponen en juego y cuál es momento en que se sitúa el aprendiz. — Pone en evidencia fallos metodológicos que es necesario rectificar. — Un análisis de errores cuidadoso señala cuáles son las estructuras concretas que crean problemas al aprendiz y por qué. Parece que ese análisis debería ser un requisito previo a una programación didáctica”.⁷

⁶ ‘Havia muitas coisas a contar de forma que conversávamos toda tarde’. ‘Não se tratava de não gostar dos dias em que estava ali’; ‘Durante dois dias alugamos duas motos’; ‘Nesse verão trabalhava todos os dias’; ‘Durante as férias de Natal passava muito bem’; ‘As múmias dos faraós que dominavam há tanto tempo’, ‘Passávamos três longos dias no Cairo’. (Tradução da pesquisadora)

⁷ ‘O erro não é um pecado, é um mecanismo ativo, necessário para aprender, é inevitável – Nos auxilia a entender como se aprende uma língua, quais seus estágios, quais processos estão em jogo e em que

Sendo assim, uma análise de erros cuidadosa, pode assinalar quais as estruturas concretas nas quais os aprendizes encontram dificuldades e os motivos para tal. A autora sugere, ainda, que analisar os erros deveria ser um requisito prévio à uma programação didática, para tanto a Análise de Erros os divide em duas classes: os sistemáticos e os fossilizáveis.

Os erros sistemáticos podem ser eventuais ou transitórios, repetem-se em uma determinada fase e, podem permitir a observação de certas regularidades subjacentes que fazem parte da Interlíngua de um determinado estágio do aprendizado. Frente a estes, podem ocorrer erros eventuais que são, de certo modo, incontrolláveis.

Fernández ilustra os erros sistemáticos, utilizando os exemplos retirados de uma pesquisa desenvolvida pela autora: ‘-¿Tienes tiempo?-¿Tiempo...? Ah sí, por tú, tienes tiempo, todo tiempo. (FERNÁNDEZ, 1995, p. 147-148)

Nos exemplos tomados de um trabalho desenvolvido por Fernández com aprendizes do espanhol como língua estrangeira, o aprendiz se esforça por responder à uma pergunta, apoiado nas formas menos marcadas que já fazem parte de seu *input*, os pronomes (*tú/ti*), bem como a utilização da preposição (*por*) quando deveria utilizar a preposição ‘para’, do mesmo modo que repete a forma verbal adquirida (*tienes*, ‘tens’, no lugar de *tengo*, ‘tenho’), sistematizando formas que já conhece de modo equivocado.

Didaticamente, conforme Fernández (1995), os erros sistemáticos requerem uma maior atenção, procurando não apenas descrever o que ocorre, mas também o mecanismo e a fonte desses para, assim, facilitar a sua superação, enquanto os erros transitórios são típicos de uma fase do desenvolvimento da aprendizagem e tendem a desaparecer. Nesse estágio, faz-se necessário o acompanhamento do professor, orientando as ações didáticas da forma mais eficiente possível.

É necessário, no entanto, ter-se cuidado e sensibilidade ao serem feitas correções, de modo a não coibir o aprendizado, mas suscitar dúvidas sobre os erros, de modo que o aprendiz aprenda através desses.

estágio está o aprendiz. – Evidencia falhas metodológicas que devem ser retificadas. – Uma análise de erros cuidadosa, assinala quais são as estruturas concretas que trazem problemas ao aprendiz e o motivo. Parece que essa análise deveria ser requisito básico para uma programação didática’. (Tradução da pesquisadora)

Os erros fossilizáveis, segundo a autora, são aqueles que aparecem sucessivamente e, em várias fases do aprendizado, denotando uma maior resistência, seja pela complexidade da estrutura que se repete, seja por outras interferências. Por exemplo, o artigo neutro *lo*, inexistente na língua portuguesa, é utilizado para substantivar adjetivos e advérbios e antecede o adjetivo quando esse estiver seguido de preposição como em: *Lo bueno de las vacaciones es poder despertarse más tarde*, ‘O bom das férias é poder acordar mais tarde’.

No entanto, caso o adjetivo não esteja precedido de preposição, utiliza-se o artigo definido masculino singular *el* como em: *El bello auto de María es nuevo*: ‘O belo carro de Maria é novo’. Contudo, não raro, segundo a pesquisadora que é docente de espanhol, ocorrem frequentemente construções em que o artigo neutro *lo* é utilizado equivocadamente, como em: *Lo marido de María tiene un auto rojo* ou *Lo amigo de Pedro no vino hoy*. O erro apontado pela pesquisadora ocorre possivelmente pelo fato de aprendiz possuir em seu *input* os artigos em espanhol, no entanto não está sistematizada a regra, sobretudo pelo fato de encontrar-se no idioma o artigo masculino plural *los* = ‘os’ em português utilizando o artigo *lo* em substituição a *el*, ‘o’ em português.

Nessa fase os erros costumam centralizar-se em oposições singulares do idioma alvo, quando estas são complexas e variáveis, como ocorre em espanhol com o uso ou omissão do artigo, a utilização do artigo neutro do espanhol no lugar do artigo masculino singular, categorizados por Fernández (1995) como erros fossilizáveis.

Fernández (*op. cit.*) enfatiza a ocorrência desses erros em estruturas em que a oposição é semelhante na LM do aprendiz, como nos casos referentes à fonética de ambos os idiomas, o materno e o em aquisição. Nestes casos é importante que a ação didática conscientize o aprendiz sobre o problema, de modo que haja uma análise e a reorganização das hipóteses, no entanto, isto deve ocorrer em um momento oportuno, servindo como propiciador, favorecendo a aquisição com atividades apropriadas.

Quanto à categorização dos erros (FERNÁNDEZ, 1989, p.30-36) afirma que a adequação à situação é mais importante do que a correção, desta forma, considera-se mais grave os erros que não permitem a efetiva comunicação, como os referentes ao

léxico e a organização das orações, e reafirma a importância da ocorrência dos erros, servindo como ensaios, estratégias e formas de aprender.

Possivelmente um falante nativo de espanhol entenda uma construção onde o artigo neutro *lo*, seja utilizado no lugar do artigo masculino *el*, como em: *lo auto*, *lo amigo*, ou a utilização do pronome posesivo *su* em lugar de *suyo*, mas a confusão entre lexemas do mesmo campo semântico, podem tornar inteligível a comunicação, a exemplo dos verbos *ser* e *haber*: *Ellas hay mis hijas*, no exemplo o aprendiz utiliza-se de modo equivocado do verbo *haber*, quando deveria utilizar o verbo *ser*.

Corder (1992) considera a hipótese de que o aprendiz de uma língua estrangeira utilize as mesmas estratégias utilizadas para a aquisição da língua materna.

Ao aprender a língua materna, a criança produz formas identificadas pelos adultos como incorretas, no entanto, elas servem para identificar o estágio do processo de aquisição da língua e a observação dos erros, serve para entender as regras adquiridas por elas: “La mejor prueba de que un niño posee reglas de construcción de la lengua es la aparición de errores sistemáticos, puesto que, cuando el niño habla correctamente, es muy posible que se limite a repetir algo de lo que ha oído” (CORDER, 1992, p. 35).

Sendo assim, pode-se concluir que os erros além de fazer parte do aprendizado, são elementos do processo e trazem subsídios para a compreensão da aquisição de uma L2. Considera-se, assim, que os modelos da interlíngua, AC e AE, são muito importantes, pois consistem em hipóteses que podem auxiliar a desvendar os processos envolvidos nessa tarefa.

Passa-se, no item que segue, ao tratamento da Teoria da Sílabas (SELKIRK, 1982), a qual é importante para o presente trabalho.

2.2 A TEORIA DA SÍLABA

2.2.1 A Sílaba

O sistema fonológico de todas as línguas é composto de sons que se distinguem entre eles e por unidades prosódicas, sob as quais os segmentos se agrupam. Segundo Bisol (2014, p. 216), a menor categoria prosódica é a sílaba.⁸

Muitos estudos ao longo dos anos objetivaram dar conta de como a sílaba se organiza como Fudge (1969), Hooper (1972) e Vennemann (1972), partindo da premissa de que é um elemento prosódico e, mesmo que haja inúmeras discussões sobre o tema, em grande maioria os linguistas partem do pressuposto de que a sílaba é uma unidade de análise fonológica.

Segundo Harris (1983), compreender a estrutura silábica de uma língua abarca três aspectos tradicionais de uma investigação linguística: observar, descrever e explicar. A observação, embora pareça trivial, na prática demonstra ser uma tarefa menos simples, pois requer conhecimento sobre o objeto a ser observado, no caso a sílaba. Ao descrever os dados faz-se necessário o conhecimento sobre o mecanismo de como esses dados se organizam, reconstruindo-os e explicando-os, o que talvez seja a tarefa mais desafiadora.

Fonólogos como Blevins (1995), Selkirk (1982) e Goldsmith (1990), embora defendam posições teóricas diferentes, são unânimes ao afirmar que a sílaba é uma unidade linguística significativa para a teoria fonológica.

First of all, it can be argued that the most general and explanatory statement of phonotactic constraints in a language can be made only via the syllabic structure of an utterance. Second, it can be argued that only via the syllable can one give the proper characterization of the domain of application of a wide range of rules of segmental phonology. And, third, it can be argued that an adequate treatment of suprasegmental phenomena such as stress and tone requires that segment

⁸ Em algumas teorias a mora é considerada a menor unidade prosódica, para tanto ver Collischonn (2005).

be grouped into units which are the size of the syllable (SELKIRK, 1982, p. 337).⁹

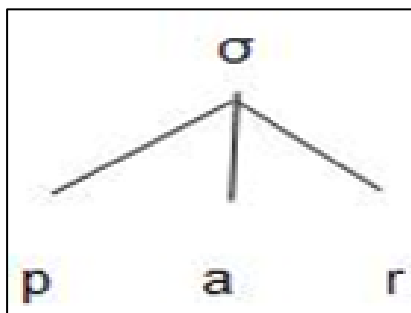
Selkirk (1982) observa que entre os elementos que ocupam as posições nas sílabas e sua sequência, há restrições fonotáticas, e levanta três argumentos para o estudo da sílaba.

As discussões sobre a estrutura interna da sílaba são muitas e sua descrição e análise, dependerá do arcabouço teórico utilizado pelo pesquisador.

Basicamente duas teorias são capazes de explicar a estrutura interna da sílaba, segundo Collischonn (*apud* BISOL 2014, p. 101), a Teoria Autossegmental e a Teoria Métrica da sílaba.

A Teoria Autossegmental, defendida por autores como Kahn (1976), Nespor e Vogel (1986) e Itô (1986), representa a sílaba em camadas, formalizando os elementos que forma o *onset* ou (ataque), núcleo e *coda* como constituintes independentes, como pode observar-se na Figura 1.

Figura 1: Representação da sílaba na Teoria Autossegmental



Fonte: Bisol, (2014, p. 99) *apud* Collischonn 1994.

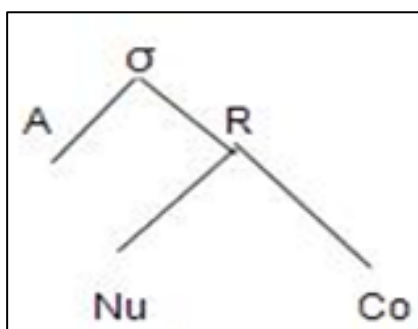
Harris (1983), Pike (1967) e Selkirk (1982) defendem que uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a *rima*, por sua vez, consiste em um *núcleo* (Nu)

⁹ “Em primeiro lugar, pode-se argumentar que a afirmação mais geral e explicativa das limitações fonotáticas em um idioma podem ser feitas somente através da estrutura silábica de um enunciado. Em segundo lugar, pode-se argumentar que apenas através da sílaba pode-se dar a caracterização adequada do domínio de aplicação de uma ampla gama de regras de fonologia segmental. E, em terceiro lugar, pode-se argumentar que um tratamento adequado de fenômenos suprasegmentais, como acento e tom, exige que o segmento seja agrupado em unidades que são do tamanho da sílaba” (Selkirk 1982: 337). (Tradução da pesquisadora)

e em uma *coda* (Co). Qualquer categoriada sílaba que esteja sob o ataque ou sob a *rima* no constituinte *coda*, pode ser vazia, exceto o núcleo. A proposta de ataque e coda poderem ser vazias já havia sido feita por estudiosos como Pike e Pike (1967) e Fudge (1969).

Selkirk (1982), representa a sílaba em constituintes binários, ataque e rima, em que a rima se ramifica em núcleo e *coda* e em seu modelo há uma relação mais próxima entre o Núcleo e a *coda* do que entre o Núcleo e o Ataque como pode-se observar na Figura 2.

Figura 2: Representação da sílaba em constituintes binários



Fonte: Selkirk (1992, p. 342)

No modelo proposto por Selkirk (1982), sob o qual a sílaba é tratada de forma hierárquica, o único constituinte obrigatório é a rima, mais precisamente o núcleo, pois a *coda*, o outro constituinte da rima não é obrigatório, da mesma forma que não o é o constituinte *onset* ou ataque silábico. O onset será formado por uma consoante ou um encontro consonantal, a rima se dividirá em duas partes, o núcleo, que na maioria das vezes é formado por vogal, e a *coda*, preenchida por consoantes.

As teorias supracitadas diferem no tocante ao relacionamento dos elementos no interior da sílaba. A teoria autosegmental, descrita na Figura 1, prevê que os segmentos atuam de maneira independente dentro da sílaba, enquanto que a teoria métrica presume que somente a sílaba como um todo pode ser analisada pelas regras fonológicas.

Nos anos 80, surgiram inúmeras discussões sobre a sílaba e em defesa e crítica a ambos os modelos teóricos, entre as discussões surge a proposta de Harris

(1986) para o espanhol, sobre a aspiração de /s/, na qual o mesmo evidencia a existência da rima como um subconstituente da sílaba, como pode-se observar no exemplo utilizado para ilustração, Harris (1983, p. 46), conforme Figura 3.

Figura 3: Aspiração de /s/ em espanhol

<i>tienes</i> (tens)	→	tiene[h]
<i>después</i> (depois)	→	de[h].pué[h]
<i>meses</i> (meses)	→	me.se[h]

Fonte: Harris (1983, p. 46)

Segundo Harris (1983, p. 46) por essa regra evidencia-se que a aspiração do /s/ não ocorre quando está em posição de ataque (*me[h]se[h]), precisando a regra referir-se à rima, o que comprova, para o autor, que a rima existe, do mesmo modo que categorizou a coda como um constituinte, como se observa na Figura 4.

Figura 4: Representação da descrição da Regra de aspiração de /s/ pela Teoria Métrica

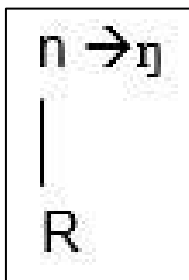
Regra de aspiração do /s/	
S	→ h / [+soante] _____
	R

Fonte: Harris (1983, p. 46).

Segundo Harris (1983) poderiam explicar-se muitos dos processos fonológicos se fosse introduzida na formulação das regras a noção de constituintes subsilábicos. Um dos exemplos utilizados pelo autor é a velarização que ocorre na nasal do

espanhol, quando tal segmento está em posição de rima (cantan ca[ŋ] ta[ŋ]) (Harris, 1983, p. 47)

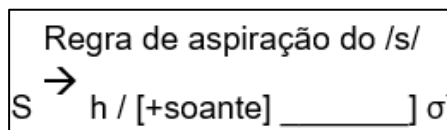
Figura 5: Representação de descrição da velarização da nasal pela Teoria Métrica



Fonte: Harris (1983, p. 47)

Nespor e Vogel (1986) contestam a proposta de Harris ao defender que a regra se refere ao limite da sílaba e não necessariamente à rima; para tanto, só é necessário que a descrição natural indique /s/ como o último elemento da sílaba, bem como uma nasal, como velar em final de sílaba, seguida ou não de outra consoante, conforme Figuras 6 e 7.

Figura 6: Representação da regra de aspiração de /s/



Nespor e Vogel (1986, p. 75)

Figura 7: Representação da regra de valorização de /n/

Regra de velarização do /n/ $n \rightarrow \eta / _ _ C0]\sigma$
--

Nespor e Vogel (1986, p. 75)

Pode-se referir que muitos modelos têm sido propostos com o objetivo de analisar e descrever a estrutura da sílaba; assim, é importante considerar que aquilo que irá diferenciar a concepção de sílaba, será a teoria adotada. Para a presente pesquisa, adotar-se-á a Teoria da sílaba, em virtude de trabalhar com a estrutura hierárquica, *onset* e rima, e a rima constituída de núcleo e coda, sendo que as posições de *onset* e coda podem não ser preenchidas.

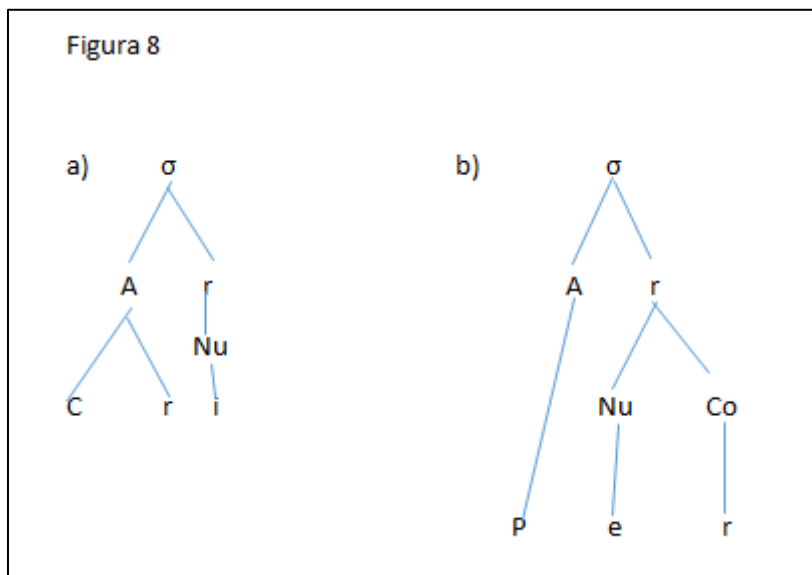
2.2.2 Tipos de Sílabas

Os elementos que constituem as sílabas variam entre os idiomas, portanto qualquer teoria fonológica que adote a sílaba como base, deverá identificar diferenças e semelhanças silábicas das línguas em análise. Não serão descritas aqui a constituição das sílabas do PB e do E, respectivamente, visto que ambos os sistemas serão apresentados posteriormente. Interessa neste momento o conceito de sílabas leves e pesadas.

Collischonn (1999) afirma que o fator determinante do peso silábico é a constituição da sílaba. Segundo a autora as sílabas pesadas são constituídas de mais de um elemento, no entanto ela chama a atenção para o fato de que nem todas as sílabas com mais de um elemento são pesadas.

Para exemplificar a autora apresenta o exemplo das palavras *lacrima* e *peperci* em Latim, em que o acento em *lacrima* cai na antepenúltima sílaba - mesmo que apenúltima sílaba -cri- possua três elementos - e na penúltima em *peperci*. Nesse último (*peperci*) a sílaba -per -, com três elementos, é pesada, definindo que a diferença se encontra na sua estrutura interna, conforme pode ser verificado na Figura 8.

Figura 8: Rimas pesadas e leves



Fonte adaptada de Collischonn (1999)

Como se pode observar, nos exemplos da Figura 8, em (a) o ataque da sílaba é ramificado, em (b), a rima é ramificada, depende-se do exemplo que o ataque é irrelevante para o peso silábico, enquanto a rima contribui para o peso.

Ainda, segundo a autora, rimas constituídas somente por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante, vogal + vogal (ditongo ou vogal longa) são pesadas. No presente trabalho, interessa a constituição da sílaba dos idiomas PB e espanhol, visto que o foco da pesquisa são aprendizes de E/L2 que possuem como LM o PB. Para tanto, faz-se necessária a abordagem e descrição de ambos os sistemas silábicos, o que se fará nesta pesquisa.

2.3 A ESTRUTURA SILÁBICA DO ESPANHOL

Em espanhol, conforme Hualde (2014, p.56), as sílabas são formadas pelo agrupamento fonológico de consoantes e vogais em torno do núcleo, que é o elemento de maior pico de sonoridade da sílaba.

Quadro 5: Exemplos da estrutura silábica do espanhol

	Rima		
Onset	Núcleo	Coda	
	á		A
	áj		Hay
t	ú		Tú
m	á	s	Más
t	é	s	Tres
pl	á	n	Plan
b	áj	S	Vais
b	jé	n	Bién
b	uéj		Buey
b	jáj	S	(cam)biáis

Fonte: Hualde (2014, p. 58).

No Quadro 5, observam-se exemplos da estrutura silábica do espanhol proposta por Hualde (2014), em que núcleo e coda constituem a rima; o núcleo é o único constituinte obrigatório, será sempre uma vogal, diferentemente do que se dá em outras línguas, como, por exemplo, o inglês cujo núcleo silábico pode ser preenchido por líquida, a saber *bottle* (em espanhol *botella* > 'garrafa'), em que o núcleo da segunda sílaba é composto por uma consoante. “*En español, pues, minimamente una sílaba consta de una vocal, como en las palabras a, o, y, o en la primera sílaba de palabras como a-re-na, hu-ma-no*” (HUALDE 2014, p.57).

Com relação ao núcleo, além da vogal, poderá haver uma semivogal precedendo a vogal, como se encontra na palavra *prue-ba* ('prova'), ou uma semivogal subsequente à vogal, como em *vein-te* ('vinte'). Hualde (2014) salienta que embora, raramente, uma sílaba pode conter em posição nuclear ambas semivogais a exemplo das palavras *buey* 'boi.' *cam-biáis* 'mudáis', ou precedida por consoantes, como no pronome pessoal do espanhol, *tú*.

No exemplo citado pelo autor o *onset* é preenchido pela consoante plosiva /t/ enquanto a vogal alta /u/ ocupa o núcleo, ressalte-se que em espanhol o *onset* também pode ser composto de duas consoantes, tornando-se um *onset* complexo, no qual a consoante mais à esquerda deverá ser sempre uma oclusiva ou /f/, seguido das líquidas /r/ ou /l/, a exemplo do *onset* complexo em *tres* ('três') e em *plan* ('plano') e *onset* simples em *palo*, *pa-lo* ('pau').

Com relação à *coda*, Hualde (2014) afirma que nessa posição se pode encontrar *codas* simples ou complexas, como se pode observar na palavra *pausa(pau-sa)* na qual a primeira sílaba é fechada por 'u', na posição de *coda*. Em espanhol raramente encontram *codas* complexas, a exemplo de *pers-pi-caz* e *bí-ceps*, cujo segundo elemento será sempre /e/¹⁰.

Com base em análises e descrições da sílaba realizadas por Harris (1983), a sílaba em espanhol pode ser apresentada como uma estrutura binária constituída por *ataque e rima*, em que a *rima*, diferentemente do *ataque* é obrigatória e divide-se em núcleo e *coda* e pode conter no máximo três elementos, excetue-se a segunda pessoa do plural de alguns verbos como *li.díáis* 'lidais'.

Para o entendimento da estrutura da sílaba e silabificação, um dos conceitos fundamentais é o do Princípio da Sonoridade Sequencial dentro da fonologia gerativa. Esse princípio possui uma base fonética subjacente, lida com a percepção e pressupõe uma curva de sonoridade em que o ápice coincide com o núcleo.

Clements (1989; *apud* COLLISCHONN, 1999) apresenta uma escala de sonoridade, definida em traços binários, conforme Tabela 1

¹⁰ No espanhol peninsular, pode-se encontrar /e/ em alguns sobrenomes como *Sanz*, segundo Hualde (2014).

Tabela 1: Escala de sonoridade

	a	e/ɛ	i	líquida	nasal	obstruente
Aberto 1	+	-	-			
Aberto 2	+	+	-			
Vocóide	+	+	+	-	-	-
Aproximante	+	+	+	+	-	-
Soante	+	+	+	+	+	-
	5	4	3	2	1	0

Clements (1989; *apud* COLLISCHONN, 2005)

O conceito de sonoridade é fundamental na consideração de que em espanhol, assim como em outras línguas, os fonemas organizam-se ao longo de uma escala de sonoridade, de sons mais abertos ou vocálicos a mais fechados ou consonânticos.

Há escalas de sonoridade propostas para outras línguas, com pequenas diferenças no número dos níveis. Veja-se Tabela 2, com a escala de sonoridade do espanhol, proposta por Hualde (2014).

Tabela 2: Escala de valor de sonoridade em espanhol

6	vogal baixa	a
5	vogais médias	eo
4	vogais altas	iu
3	Líquidas	l (ʎ) r ʀ
2	Nasais	mɲɲ
1	Obstruente	f(θ)stʃxɓdɔgptk

Fonte: Hualde (2014, p. 58)

Hualde (2014, p.58) afirma que a propriedade que define uma sílaba é o seu ápice, o qual deverá ser ocupado pelo elemento mais aberto ou o de maior sonoridade, com

os quais os demais segmentos se agrupam seguindo a ordem de mais sonoros, quando estiverem mais próximos do ápice, e menos sonoros, na periferia.

O autor afirma que nos grupos de ataque silábico as líquidas estão mais próximas do núcleo que as obstruintes, como se pode perceber em sequências de segmentos como: *'ter'* e *'pla'* onde há um crescente de sonoridade, em contrapartida, sequências como *'rte'* e *'lpa'*, não poderiam ser tautosilábicas, visto que há um declínio de sonoridade do primeiro para o segundo segmento, seguido de um crescente do segundo segmento ao terceiro. Refere ainda que entre as consoantes em grupo de ataque deve haver uma diferença de dois graus na escala de sonoridade, dado que não há grupos em que haja obstruintes e nasais juntas, como se pode verificar em palavras como *neumonía*, do grego *pneumonia*, em que o segmento 'p' foi eliminado incluindo-se na forma ortográfica.

Hualde (2014) afirma, entretanto, que os glides possuem maior sonoridade que as consoantes, estando, portanto, mais próximos da vogal nuclear, como na primeira sílaba de *plie-gue*, 'prega', a qual há uma ascensão uniforme da sonoridade, do elemento mais fechado, a obstruinte /p/, à vogal /e/, mais aberta (cf. P₁ L₃ i₄ e₅)¹¹. Em *trans-por-tar*, 'transportar', a primeira sílaba possui uma ascensão de sonoridade até a vogal /a/ e um declínio em direção à rima (cf. t₁ R₃ a₆ n₂ S₁)¹².

Com relação à silabação em espanhol, as consoantes sempre são silabadas com a vogal seguinte, em uma sequência do tipo VCV (vogal-consoante-vogal), silabar-se-á V-CV, como em *a-la*, 'asa' e *a-mo*, 'amo'. Em se tratando de uma sequência de duas consoantes, essas formarão sílaba com a vogal que se lhes siga, como em *dra-gon* 'dragão' e *plu-ral* 'plural', conforme apresentado no Quadro 6, a seguir (HUALDE, 2014, p. 61).

¹¹ Em subscrito são colocados os valores referentes à escala de sonoridade.

¹² Em subscrito são colocados os valores referentes à escala de sonoridade.

Quadro 6: Regras de silabação de consoantes

/pɾ/ <i>pron-to, siem-pre</i>	/p/ <i>plu-ma, so-plo</i>
/bɾ/ <i>bro-ma, a-bro</i>	/b/ <i>blan-co, pue-blo</i>
/tɾ/ <i>tram-pa, cen-tro</i>	/t/ <i>a-tlas</i>
/dɾ/ <i>dra-ma, ce-dro</i>	-
/ç/ <i>cre-ma, lu-cro</i>	/ç/ <i>cli-ma, bi-ci-cle-ta</i>
/gɾ/ <i>gra-mo, lo-gro</i>	/g/ <i>glo-ria, é-glo-ga</i>
/fɾ/ <i>fru-ta, su-fro</i>	/f/ <i>flor, in-flo</i>

Fonte: Hualde (2014, p. 61)

Em espanhol a *coda* e o ataque possuem um claro desequilíbrio no que tange a divisão das consoantes, visto que a *coda* permite um número limitado de oposição entre as mesmas. Observe-se a estrutura silábica do espanhol descrita pelo autor, apresentada no Quadro 7.

Quadro 7: Estrutura silábica em espanhol

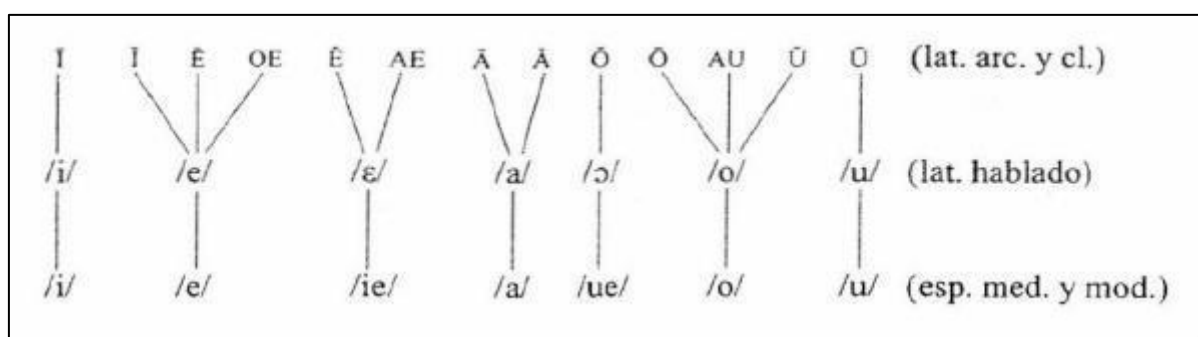
Tipos de sílabas em espanhol	Exemplos	Tipos de sílabas em espanhol	Exemplos
V	<u>a</u> .mor	V C	<u>a</u> .ma
V V	<u>ai</u> .re	V C C	<u>abs</u> .tra.er
CV	<u>ca</u> .sa	V V C	aus.ter.ro
C V V	<u>pie</u> .za	C V C	Pan
C V V V	U.ru. <u>guay</u>	C V C C	bí. <u>ceps</u>
C C V	<u>gre</u> .mio	C V V C	pu. <u>dien</u> .te
C C V V	<u>grie</u> .ta		

Fonte: adaptado de Hualde (2014, p.61)

2.4 O SISTEMA VOCÁLICO DO ESPANHOL DO PRATA

O sistema vocálico Espanhol, assim como o de outras línguas romance, deriva do sistema vocálico do *latim*, no entanto, ao longo das evoluções sofridas este não se manteve igual em todos os idiomas, como pode observar-se na Figura 9, apresentada por Ralph Penny em seu livro *Gramática Histórica del Español* (2006).

Figura 9: Evolução do sistema vocálico do espanhol



Fonte: Penny (2006)

O sistema vocálico simétrico que hoje consiste em cinco vogais, deriva do sistema tardio do latim, em que havia dez vogais, e que no espanhol medieval reduziu-se a um sistema vocálico de sete vogais. Em comparação com o espanhol moderno, o sistema de sete vogais, segundo Penny (2006) exibiu um contraste de abertura/altura, adicional entre as vogais, visto que em sílabas tônicas diferenciavam-se as vogais médias altas /e o/ e as vogais médias baixas /ɛ ɔ/, no entanto, em sílabas átonas não finais, o sistema era idêntico ao encontrado hoje em espanhol.

Em espanhol, as vogais médias abertas converteram-se sistematicamente nos ditongos [je] e [we] por um processo de ruptura da vogal, exemplo desta evolução é a palavra 'terra' – *tierra*; 'porta' – *puerta*. Segundo Hualde (2014, p. 115-116) de acordo com esta evolução, as vogais /e o/ do espanhol moderno parecem-se mais qualitativamente com as vogais médias fechadas do catalão e do português, do que com as vogais abertas em geral.

O autor previne que, segundo o contexto fonético em que se encontram, os alofones dos fonemas vocálicos médios do espanhol podem ser mais abertos ou fechados, um exemplo citado por Hualde é o fato de que a vogal /e/ costuma ser mais alta e mais fechada quando em posição precedente a uma consoante palatal, a exemplo de *pecho*, 'peito' e, mais aberta em contato com uma vibrante múltipla e antes de /x/, como na produção das palavras: *perro*, 'cão' e *lejos*, 'distante', Hualde reitera que, mesmo nos contextos mencionados, a vogal média /e/ não se equivale em abertura à realização do fonema /e/ de outras línguas romance; embora utilize-se de símbolos iguais para vogais que se equivalem em outros idiomas, é raro que dois fonemas vocálicos sejam exatamente idênticos em dois idiomas diferentes que não se encontrem em contato.

Os três traços de altura da língua, retraimento e forma dos lábios não são os únicos utilizados nas línguas do mundo para fazer distinção entre os fonemas vocálicos. Ainda, segundo o autor, em algumas línguas românicas como o francês e o português, as vogais contrastam em nasalização, sendo em espanhol a nasalização um traço alofônico, ou seja, as vogais se nasalizam parcialmente em contato com consoantes nasais.

Segundo Quilis (2000) as vogais da língua espanhola são em número de cinco – /i/, /e/, /a/, /o/ e /u/, as quais se diferenciam entre si por oposições, a exemplo de /*pipa*/-/pépa/; /*pápa*/-/popa/; /*pérol*/-/párior/; /*pórol*/-/púrol/ em posição tônica. De acordo com o autor, a vogal é o único som capaz de constituir um núcleo silábico por si só em espanhol, assim como em muitas línguas românicas, mesmo margeada por consoantes, que formam as chamadas fronteiras silábicas.

Do ponto de vista fonológico, as vogais opõem-se às consoantes precisamente por sua capacidade de formar um núcleo silábico: vogal = núcleo silábico / consoante = margem silábica.

Os cinco fonemas vocálicos do espanhol apresentam cinco alofones orais: [i], [e], [a], [o], [u]. Quanto ao ponto de articulação, classificam-se em vogais altas – /i/ e /u/, vogais médias /e/ e /o/ e vogal baixa /a/. Quilis (2000, p. 38-39) assim como Hualde (2014, p.114) classificam como palatais ou anteriores as vogais /i/ e /e/ e posteriores ou velares as vogais /u/ e /o/ e central a vogal /a/.

Segundo Hualde a combinação de modo e lugar de articulação das vogais em espanhol é representada por meio do triângulo articulatório, que distingue, esquematicamente, a posição da língua dentro da cavidade bucal ao articular as vogais, conforme explicitado no Quadro 8.

Quadro 8: Sistema vocálico do espanhol

Anteriores		Central	Posteriores
Alta	i		u
Média	e		o
Baixa		a	
Não arredondadas			Arredondadas.

Fonte: Hualde (2014, p. 114)

Hualde (2014) afirma que em espanhol as vogais médias-baixas /ɛ/ e /ɔ/ converteram-se sistematicamente nos ditongos [iɛ] e [uɛ] por um processo de ‘ruptura’, da vogal e que as vogais média-alta /e/ e /o/ em contato com as vogais altas /i/ e /u/, possuem um grau de abertura maior; no entanto, não podem ser consideradas vogais médias-baixas, como aquelas que se mantiveram em outros idiomas como o português.

2.4.1 Vogais labializadas e deslabializadas do Espanhol

Segundo Quilis (2000, p. 38-39) as vogais posteriores são caracterizadas também por labialização (arredondamento) e as demais são deslabializadas. Em espanhol, nas duas séries de vogais, anteriores e posteriores, o traço labial não é pertinente, visto que [u] e [o] se pronunciam com a labialização, ao passo que as vogais [i], [e] e [a] não são labializadas.

2.4.2 Vogais tônicas e átonas do Espanhol

O sistema vocálico do Espanhol é mais conciso que o do Português mantendo-se os elementos vocálicos iguais em posição tônica, pretônica e postônica na palavra como apontado por Brisolara e Semino (2014 p.42). No Quadro 9 a seguir, apresentam-se as posições tônicas e átonas do espanhol.

Quadro 9: Posição tônica, pretônica e postônica no espanhol

Posição tônica	Posição pretônica	Posição pós-tônica
v[i]da	v[i]vir	alio[i]
b[e]llo	r[e]galo	part[e]
l[u]na	l[u]nar	trib[u]
c[a]sas	c[o]mino	had[a]
n[o]mbre	h[o]rmiga	niñ[o]

Fonte: Brisolara e Semino (2014,p. 42)

Segundo Hualde (2014) as vogais que recebem o máximo de energia articulatória dentro de uma palavra, maior firmeza, abertura e são mais perceptíveis, em espanhol, recebem o nome de ‘vogais acentuadas ou tônicas’.

As vogais que recebem o mínimo de intensidade articulatória, mas o suficiente para ser reconhecidas como tais vogais, recebem o nome de ‘vogais inacentuadas ou átonas’, segundo o autor e apresentam menos estabilidade em seu timbre, menos abertura e menos perceptividade que as tônicas.

Quanto à tonicidade do sistema vocálico do espanhol, Hualde (2014) esclarece que as vogais relaxadas são as que se encontram em posição final de grupo fônico, quando preceda uma pausa, e mesmo assim, a vogal conservará nitidamente seu timbre característico.

2.5 OS DITONGOS DO ESPANHOL

Quilis e Fernández (1975, p. 65) afirmam que a sequência de duas vogais em uma sílaba constitui um ditongo que poderá ser classificado como crescente ou decrescente. Aquele é formado de glide (semivogal ou semiconsoante) e vogal; esse, de vogal e glide. Um glide é um elemento de características vocálicas, o qual não ocupa a posição de núcleo da sílaba; por isso, é denominado tradicionalmente de semivogal ou semiconsoante.

Navarro Tomás (2004) classifica como ditongos as estruturas em que há a intervenção de /i/ ou /u/ ao lado de outras vogais, como em *laurel*= /l[aw]rel, 'louro'; *aire*= /aj]re, 'ar'; *pierna*= p[je]rna, 'perna'. Desta feita, somente se formam ditongos quando há uma vogal fechada envolvida, /i/ ou /u/, sem que importe a ordem, devendo-se assim, evitar pronunciar como ditongos algumas combinações vocálicas que são hiatos.

Hualde (2014, p. 65) refere que uma das dificuldades para a silabação no espanhol refere-se às sequências de vocóides, que tanto podem ser silabadas em hiato, como em ditongo, ou no caso de três vocóides em uma sílaba, formando um tritongo. Essas estruturas são, no entanto, previsíveis a partir das regras ilustradas no Quadro 10.

Quadro 10: Sequências das vogais médias e baixa do espanhol /a, e, o/ silabadas em hiato

/ea/ te-a-tro , ve-a-mos	/oa/ bo-a-to, to-a-lla
/ee/ le-e-mos , de-he-sa	/oo/ mo-ho-so, lo-o
/eo/ be-o-do, le-o-nes	/oe/ po-e-ta, co-he-te
/ae/ sa-e-ta, tra-es	
/ao/ ha-o-ra, ca-os	
/aa/ al-ba-ha-ca, sa-a, ve-dra	

Fonte: Hualde (2014, p. 65)

Quilis afirma que a sequência composta de uma vogal alta acentuada /í/ e /ú/ precedida das vogais /a/, /e/ ou /o/, será silabada como hiato, a exemplo de *día* = *dí-a*, ‘dia’, *púa* = *pú-a*, ‘palheta’ e *baúl* = *ba-úl*, ‘baú’, em sequências formadas por /eo/, /oe/, /ea/, /oa/, /ae/, /ao/, *cada vocal es núcleo de una sílaba diferente, formando, por lo tanto, un hiato: ‘céreo, soez, boa, aéreo, caos, etc.* (QUILIS 2000, p.44).

Hualde (2014) corrobora a afirmação de Quilis (2000) sobre a sequência de vogais altas acentuadas precedidas ou seguidas das vogais /a/, /e/ e /o/ conforme os exemplos no Quadro 11.

Quadro 11: Sequências das vogais altas acentuadas do espanhol

/ía/ tí-a, Ma-rí-a	/aí/ ca-í-da, a-hí
/íe/ son-rí-e, dí-ez	/eí/ le-í-do, re-í
/ío/ frí-o, es-tí-o	/oí/ bo-hí-o, o-í
/úa/ pú-a, e-va-lú-a	/aú/ a-ú-lla, a-ú-na
/úe/ ac-tú-e, e-va-lú-e	/eú/ re-ú-ne, re-hú-ye
/úo/ bú-ho, dú-o	/oú/ co-ú-so, aus-tro-hún-garo

Fonte: Hualde (2014, p. 65)

Sobre as sequências de dois vocoides altos iguais, segundo Hualde, esses são raros e silabados como hiato, independente da posição tônica em que se encontram, conforme apresentado no Quadro 12.

Quadro 12: Sequências de dois vocoides altos iguais

/ii/ tí-i-to (diminutivo de tío), ni-hi-lista, chi-í-ta
/uu/ du-un-vi-ro (magistrado da Roma antiga), me,nu-,ucho (depreciativo de menú)

Fonte: Hualde (2014, p. 65)

Segundo Hualde, como regra, as sequências de duas vogais se silabam em hiato somente quando nenhum dos segmentos for acentuado como em *poeta* = ‘poeta’ ou se

ou as vogais altas /i/ e /u/, estiverem precedidas ou seguidas das vogais baixas /a/, /e/, /o/, do contrário o que se forma é um ditongo. Os ditongos podem ser crescentes ou decrescentes, interessando ao presente trabalho a formação dos ditongos crescentes, visto o fenômeno decorrente da epêntese do glide palatal [j] por aprendizes resultarem em ditongos crescentes (semivogal + vogal) em contextos inexistentes no idioma alvo.

A preferência por ditongos crescentes sobre os hiatos, em espanhol, contrasta com outras línguas, conforme autores como Chitoran e Hualde (2007), cuja exemplificação é *v[ie]na*= ‘vie-na’, *indiana*=in-d[ia]-na’ e *San D[ie]go* ‘San-Diego, cotejando-as com a formação desses mesmos vocábulos em inglês, idioma no qual as mesmas possuem sequências heterossilábicas, veja-se: ‘*vi-en-na*’, ‘*In-di-a-na*’ e ‘*San Di-e-go*’.

No que tange, portanto, aos ditongos crescentes, o conceito é de que são formados por uma sequência crescente em sonoridade ou em abertura de um elemento mais fechado para um mais aberto. No entanto, Quilis (2000) atenta para o fato de que o contato entre vogais altas tautossilábicas, também é pronunciado como ditongo: “*Forman diptongo en las siguientes palabras juicio, benjuí, muy, fui, cuidar (y derivados), fui, fuiste, ruido, ruin, arruino, suizo, Luis, triunfo, viuda y etc*”. (QUILIS 2000, p. 45).

Hualde (2014, p. 67) afirma que a descrição e distinção de hiatos e ditongos pode ser concisa, visto que a sequência de uma vogal alta, não acentuada, em contato com outra vogal, resultará em ditongo, excetue-se as sequências de vogais altas /ii/ e /uu/. “Las secuencias em que un vocoide alto sin acento está em contacto com outro vocoide, son diptongos, (excepto por las secuencias /ii/, /uu/, que son muy poco frecuentes).” (Hualde, 2014, p. 67).¹³

Para descrever os ditongos crescentes no espanhol, faz-se necessária uma breve revisão do percurso diacrônico que originou o sistema vocálico atual /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, do idioma e a origem de alguns ditongos presentes, hoje, no idioma.

¹³ ‘As sequências em que uma vogal alta não acentuada está em contato com outro vocóide, são ditongos, (excetopelas sequências /ii/, /uu/, que são pouco frequentes). (Tradução da pesquisadora)

2.5.1 Evolução histórica dos ditongos em Espanhol

Penny (2006) descreve a evolução do sistema vocálico do Latim que resulta nas vogais tônicas do espanhol descrita na Figura 9 (ver p.41)

Com base na Figura 9, percebe-se a evolução gradativa do latim para o espanhol, onde os ditongos latinos ‘ae’, ‘oe’ e ‘au’, converteram-se, em diferentes momentos, em vogais simples do *latim* vulgar, do que resultaram $ae > /ɛ/$ e de $oe > /e/$. Como pode ser observado, houve uma conversão gradativa exemplificada pelo autor através das palavras do latim (‘*poena*= *latim. Vulgar. /pena/ > pena (E)*’, ‘*coenam*’ = *latim. Vulgar /cena/ > cena (E)*’, ‘*caelum*= *latim. Vulgar /kɛlo/ > cielo (E)*’).

Em alguns casos, a redução do ditongo *ae*, segundo o autor, pode ter origem na pouca influência de outras variedades itálicas, originando assim a vogal /e/, a exemplo dos vocábulos do espanhol atual *cesped* do lat. ‘*caespite*’ (port. grama) e *seda* do lat. ‘*saeta*’ (port. ‘seda’). No que se refere ao ditongo “au”, a monotongação sofrida em prol de /o/ pode ter relação com a pouca ocorrência dessa sequência, por razões mais amplas do que as linguísticas, de acordo com Penny (2006), (cf. *auro > oro* em espanhol e ‘ouro’ em português; *palco > poco* em espanhol e ‘pouco’ em português; *tauro > toro* em espanhol e ‘touro’ em português).

No latim vulgar e no hispano-romance, da metátese do glide [j] na sílaba precedente, resultam novas sequências vocálicas (cf. *madera* </*matɛira*/ < *matéria*; *queso* < /*káisso*/ < *caseus*), cuja constituição, seja a vogal palatal /ɛ/ ou a vogal posterior /a/, em contato com uma semivogal, motivou a redução da sequência para a vogal /e/, por um processo assimilatório.

Quanto ao surgimento dos novos ditongos em espanhol, Penny (2006) justifica a constituição desses pela união de uma vogal velar seguida de uma semivogal palatal, originando assim /eu/ no espanhol medieval (/o/ tônico) correntemente utilizado, diferentemente dos ditongos decrescentes, cuja utilização era rara, conforme ilustrado pelo autor nas palavras $>/doíro/ > duero$, ‘douro.’; $coriu > /kɔiro/ > cuero$, ‘couro’.

Sobre a conversão de /a/ em /o/, segundo Penny (2006), explica-se pela metátese na qual [w], provavelmente, ao combinar-se com a vogal /a/ tônica, tenha migrado para a sílaba precedente, convertendo-se desse modo em /o/, o que explicaria algumas flexões de tempoverbos irregulares de alguns pretéritos como ocorreu com o

verbo saber onde ‘*sapui*’ em *latim* passou a */sáupil* espanhol medieval ‘*sope*’ e no espanhol contemporâneo *supe*, ‘soube’, do verbo saber em português.

Com relação às mudanças, Penny (2006) afirma que os ditongos reduziram-se ao que originou um sistema de cinco vogais tônicas, não mais havendo alterações nos períodos medievais e moderno, no entanto, de forma individual, algumas vogais passaram por algumas mudanças e, dentre as mais correntes, encontram-se as reduções ocasionais de */ie/* e */ue/* para */i/* e */e/*, respectivamente, sobretudo em contextos em que estivessem seguidos de */s/*, em que */ie/* foi reduzido a */i/* (cf. *castellu*> esp. med. *castello*>*castillo* ‘castelo’).

Sobre o ditongo */ie/* o autor explica que essa sequência também sofreu redução em contextos nos quais seguia o */s/* final da sílaba (cf. *vespa*> *aviespa*>*avispa*, ‘vespa’), ainda que em casos como *fiesta*, ‘festa’ em português e *siesta*, ‘sesta’ não tenha ocorrido a redução vocálica, mantendo-se o ditongo. Houve um pequeno grupo de palavras em que se deu a redução (cf. *merula*>esp. med. *mierla*>*mirlo* ‘melro’; *saeculu*> esp. med. *sieglo*>*siglo* ‘século’, em que */ie/* foi reduzido a */i/*).

Relativamente à redução de */eu/* a */e/* em espanhol medieval, Penny assevera que sua ocorrência se dava quando o ditongo precedia as consoantes */r/* e */l/*; nesse contexto a última vogal do ditongo deve ter sofrido assimilação (cf. e *frente* ‘testa: *flocu*> esp. med. *flueco* >*fleco*, ‘franja’; *fronte*> esp. med. *fruenta* >*frente* ‘testa’).

No que tange às vogais átonas do espanhol, essas seguiram um caminho diferente daquele percorrido pelas vogais tônicas, conforme se pode perceber no esquema proposto por Penny (2006), na Figura 10.

Figura 10: Vogais átonas do espanhol



Fonte: Penny (2006)

Quanto às vogais átonas, Penny (2006) afirma que pela possibilidade de se confundirem as vogais breves *ě* e *ō* com as vogais longas (*ē* e *ō*), não há condições para a ditongação — diferentemente do que ocorre no sistema tônico no qual se produzem os ditongos /ie/ e /eu/; logo, não se pode distinguir entre as vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ e as médias fechadas /e/ e /o/; por conseguinte, aquelas não tiveram lugar no sistema vocálico espanhol. Resultaram da evolução do sistema vocálico do latim medieval para o espanhol cinco vogais átonas /i, e, a, o, u/, como pode se observar na figura 10.

Segundo Penny (2006), os ditongos do latim são quatro /ae/ que passou a /au/ e /oe/, que passou a /eu/ que mantiveram-se em espanhol, o último dos quais /eu/ é raro no espanhol. O autor não se detém na evolução de todas essas sequências; porém, afirma que os ditongos sobre cuja origem e evolução existem evidências são [ie], em *tierra*, 'terra', do que originou-se a vogal /ě/ e do ditongo /ae/ do *Latim*, que evoluiu para vogal [ɛ], voltando a ditongo posteriormente, como pode observar-se em *petra* > *piedra*, 'pedra' e '*caelo* > *cielo*, 'céu' e /eu/ como em; *p[ɔ]rta* > *puerta*, 'porta', cuja evolução da vogal latina /ō/ resultou em /ɔ/ e logo ditongou-se, resultando em /ue/.

2.5.2 Ditongos crescentes

Segundo Quilis (2000), os ditongos crescentes caracterizam-se por uma vogal de núcleo silábico junto da qual ocorre outra vogal em posição secundária, o glide, que ocupa a posição silábica pré-nuclear, se transcreve foneticamente [j] (alofone em função silábica pré-nuclear de /i/) ou como [w] (alofone em função silábica pré-nuclear de /u/), como explicitado no Quadro 13.

Quadro 13: Formação de ditongos crescentes em espanhol

/i/ + /e/ : /tié.ne/ [tjéne] = <i>tiene</i>
/i/ + /a/ : /ásia/ [ásja] = <i>Asia</i>
/i/ + /o/ : /salió/[saljó]= <i>salió</i>
/u/+ /e/ : /bue.no/ [bwé.no] = <i>bueno</i>
/u/+ /a/ : /kua.tro/ [kwátro] = <i>cuatro</i>
/u/+ /o/ : /bákuo/ [bákuo] = <i>vácuo</i>

Fonte: Quilis (2000, p.43)

As sequências tautossilábicas de vogais altas se pronunciam geralmente como ditongos crescentes veja-se Navarro Tomás (1977, p.67) e Quilis (1993, p.179).

Para Hualde (2013) os ditongos [je] e [we] podem alternar com vogais, daí [je] ~ [e] e [we] ~ [o] – em alguns contextos específicos. Salaria que a distribuição dos ditongos limita-se às sílabas tônicas, visto que em sílabas átonas pode ocorrer uma vogal média (cf. *venez[u]éla/ venezoláno*, ‘venezuela’, ‘venezuelano’, *d[u]érmo/dormir*, ‘durmo’; *pi[é]rdo/perder* ‘perder’; *vi[é]jo/vejéz* ‘velhice’). Segundo os dados do autor, somente os ditongos crescentes estão sujeitos a esta mudança.

Para Hualde (2013, p. 67) as sequências de duas vogais serão silabadas como hiato se nenhuma delas for alta como no exemplo da palavra poeta > *po-e-ta*, ou em um contexto em que uma das vogais seja alta e a seguinte seja acentuada, como em caída > *ca-í-da*, ‘queda’.

O autor afirma, ainda, que em contextos nos quais haja uma vogal alta em contato com uma vogal diferente em altura, a silabação se dará como ditongo, como ocorre em palavras como: *duelo* > *due-lo*, 'duelo'; *baile* > *bai-le*, 'baile'; e '*siendo* > *siendo*, '*sendo*'. No entanto, há exceções lexicais (cf. *dueto* > *du-e-to*, 'dueto' e *riendo* > *ri-endo*, 'rindo'. Dessa forma, numa sequência vocálica em que um dos elementos é uma vogal alta átona, tem-se aí um ditongo. Importante salientar que a distribuição léxica dos hiatos excepcionais, está sujeita a um alto grau de variações não somente dialetais, mas também de idioletos.

Hualde (2014) afirma que em geral, os hiatos são mais frequentes em espanhol peninsular do que em espanhol latino americano¹⁴. O autor cita Navarro Tomás (1918) e afirma que a possibilidade de variação entre ditongos e hiatos tem provocado mudanças ortográficas.

Em espanhol, de acordo com Nuñez Cedeño y Morales-Front (1998, p.181), há oito ditongos crescentes, conforme apresentado no Quadro 14.

Quadro 14: Ditongos crescentes do espanhol

1)[ja]- sant[ja]go em Santiago	5)[wa]- c[wa]ndo em cuando
2)[je] – p[je]maem pierna	6)[we]- p[we]do em puedo
3)[jo] – id[jo]maem idioma	7) [wo]- ventríloc[wo] em ventrílocuo
4)[ju] – v[ju]da em viuda	8) [wi]- c[wi]da em cuida

Fonte: adaptado de Quilis (2000, p. 42)

Observe-se que a formação de um ditongo crescente pode ser do glide palatal [j] mais uma das vogais /a/, /e/, /o/ ou /u/ ou, ainda, do glide dorso-labial [w] seguido de /a/, /e/, /o/ ou /i/.

Passa-se à apresentação do ditongo decrescente em espanhol.

¹⁴ Importante ressaltar que para o presente trabalho, utiliza-se os conceitos fonológicos do espanhol Platense, variedade falada nos arredores do Rio da Prata, portanto, latino-americano.

2.5.3 Ditongos decrescentes

Nos ditongos decrescentes do espanhol, a vogal que forma o núcleo silábico está em primeira posição e a vogal fechada ocupa uma posição secundária, assim, é considerada um glide (tradicionalmente uma semivogal), cuja transcrição fonética é [j] ou [w], como explicitado abaixo no Quadro 15, a partir de Quilis (2000).

Quadro 15: Ditongos decrescentes do espanhol

/e/	/lei/ [lej] ley	/e/	/európa/ [ewropa] Europa
/a/ + /i/	/aire/ [ajre] aire	/a/ + /u/	/áula/ [awla] aula
/o/	/sói/ [soj] soy	/o/	/bóu/ [bów] bou

Fonte: Quilis (2000)

No que tange os ditongos formados pelas vogais /i/ +/u/, /u/+/i/, o autor assevera que por tratar-se de vogais altas, com o mesmo grau de abertura, o núcleo dependerá da silabação, conforme o falante, a situação ou o dialeto, a exemplo da silabação das palavras *bíuda*, *biúda*, ‘viúva’ e *fuí*, *fúi* ‘fui’, ou seja, silabadas como ditongo crescente ou decrescente.

No próximo item, passa-se a tratar do sistema vocálico da língua portuguesa.

2.6 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS: VOGAIS ORAIS

Câmara Jr. (2002 p. 41) define, com base no elemento prosódico ‘acento’, um quadro de quatro subsistemas vocálicos no português – o sistema tônico e três sistemas átonos. Para o linguista estruturalista, a elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, fornece a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (vogais médias-baixas), vogais médias de 2º grau (vogais médias-altas) e vogai saltas.

Nas vogais portuguesas, é a partir da posição tônica que se pode depreender o sistema vocálico de sete fonemas, de acordo com Câmara Jr. (2002), conforme ilustrado no Quadro 16.

Quadro 16: Vogais em posição tônica

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/		/ɛ/	(1º grau)
baixas		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

Fonte: Câmara Jr. (2002, p. 41)

O sistema de sete vogais, apresentado por Câmara Jr. (2000) reduz-se nas sílabas átonas, visto que certas oposições são suprimidas. Esta supressão recebeu o nome de *neutralização* na linguística europeia, que corresponde à perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica, a exemplo do que ocorre em f[ɛ]rro-f[e]rreiro; f[ɔ]rma-f[o]rmoso. Nesses exemplos, as palavras derivadas de ‘forma’ (f[o]rmoso) e de ‘ferro’ (f[e]rreiro) não apresentam a vogal média-baixa correspondente, essa é neutralizada em prol da média-alta correspondente.

Em posição pretônica, desaparece a oposição entre [e] e [ɛ], [o] e [ɔ] e o sistema, no português, reduz-se a cinco vogais, como apresentado no Quadro 17, a seguir.

Quadro 17: Vogais em posição pretônica

altas	/u/	/i/
médias	/e/	/o/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2002, p. 44)

Observa-se também que é na posição pretônica que ocorre a regra de harmonização vocálica, isto é, a elevação das vogais médias pretônicas por assimilação à altura das vogais seguintes /i/ e /u/; contudo, esse fenômeno não possui caráter sistemático e categórico como a neutralização.

O sistema da pretônica é também encontrado em contexto precedente à nasal.

Em posição postônica não-final, segundo Câmara Jr. (2000), dá-se entre as vogais posteriores /o/ e /u/ a neutralização, em prol de /u/, o que não ocorre entre as vogais anteriores /e/ e /i/, conforme o Quadro 18. Para o autor, a oposição entre /o/ e /u/ é apenas uma convenção da língua escrita como pode-se perceber em: ‘fósf[o]ro’ – ‘fósf[u]ro’ e ‘abób[o]ra- abób[u]ra’.

Quadro 18: Vogais em posição postônica não-final

altas	/i/	/u/
médias	/e/	–
baixa	/a/	
	anterior	posterior

Fonte: Câmara Jr. (2000, p. 45)

Em relação às sílabas átonas finais, que apresentam atonicidade máxima, neutralizam-se as vogais médias em favor das altas, de que resulta um sistema tríplice /a i u/ (cf. *ov[o] – ov[u]*, *lequ[e]- lequ[i]*, *pont[e]-pont[i]*), no Quadro 19 apresentado.

Quadro 19: Vogais em posição postônica final

altas	/i/	/u/	
baixa	anterior	central	posterior
	/a/		

Fonte: (Câmara Jr. 2000, p. 45)

É importante ressaltar o fato de que em sílaba fechada, o [e] e o [o] aparecem nas vogais postônicas finais, a exemplo de carát[e]r, prót[o]n, mantendo-se, assim, o sistema posterior de cinco vogais em posição postônica final fechada por consoante.

Sobre a posição assilábica da vogal, Câmara Jr. assevera:

“Resta uma derradeira posição átona para as vogais: a da chamada posição assilábica, quando a vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de duas margens, como as consoantes. O resultado é uma vogal modificada por outra na mesma sílaba e constitui-se o que se chama o ditongo” (CÂMARA Jr. 2000, p.45).

Com respeito à unidade *sílaba*, Câmara Jr. (2002, p. 53) assevera que os *fonemas (vogais e consoantes) funcionam na enunciação linguística combinados numa unidade superior, [...] conhecida tradicionalmente por sílaba*. Segundo o autor, para o linguista, a natureza físico-articulatória da sílaba é de uma complexidade extrema e sua estrutura depende de vários aspectos como os movimentos bucais, o impulso expiratório, ou a tensão dos órgãos fonadores, bem como o efeito auditivo que resulte de tudo isso.

O autor afirma, ainda, que a sílaba cujo pico sonoro é sempre uma vogal em português, é antecedida de um movimento ascendente em sonoridade, em direção ao ápice nuclear, e seguida de um movimento descendente em sonoridade. As diferentes visões teóricas não divergem quanto a esse aspecto de maior e menor saliência acústica entre os elementos que constituem a sílaba, cujo ápice é indiscutivelmente uma vogal, seja no português, seja no sistema vocálico do espanhol.

As vogais podem formar uma sílaba por si só ou constituírem o núcleo margeado por segmentos à esquerda (onset) e à direita (coda). As sílabas portuguesas podem ocorrer em posição inicial, medial ou final, independentemente da tonicidade da palavra (cf. /a/meixa; po/e/ta; di/a/).

2.7 OS DITONGOS DO PORTUGUÊS

Os ditongos são sequências de segmentos vocálicos, nas quais um segmento é mais silábico (a vogal) e o outro pode ser uma consoante um glide. Os ditongos podem ser crescentes ou decrescentes.

A seguir, apresentam-se os ditongos crescentes, na seção 2.7.1, e os decrescentes, na seção 2.7.2.

2.7.1 Ditongos crescentes

Segundo Harris (1983, p. 16), em duas vogais de igual altura, a segunda será mais sonora, o que pode ser tomado como universal. Os dados do português confirmam essa informação, a exemplo de *viúva*, *vi.ú.va*, *v[ju]va*; *ciúme*, *ci.ú.me*, *c[jú]me*, sequências essas em que o primeiro elemento é o menos sonoro; essas sequências também podem ocorrer em hiato.

O ditongo que se forma a partir da reunião de duas vogais altas, como *viúva*, *vi.ú.va*, *v[ju]va*; *ciúme*, *ci.ú.me*, *c[jú]me*, é o ditongo crescente. Também vogais não altas idênticas podem figurar entre os exemplos, admite-se a elevação da vogal mais alta em posição menos sonora em estruturas do tipo *compreensão ~ compr[j]ensão*; *cooperar ~ c[w]operar*, desde que a fusão não as tenha reduzido à uma só vogal.

Para Câmara Jr. (2002), os verdadeiros ditongos do português são os decrescentes, pois os crescentes variam livremente com o hiato (*su.ar/ suar*, *su.a.dor/sua.dor*). Bisol (1989), sob o viés de outro modelo teórico, corrobora a afirmação do autor, assinalando que, em se tratando da sequência vogal-vogal (daí glide-vogal), em que o glide dessa sequência pode variar livremente com a vogal alta correspondente, o que está em jogo é uma ressilabação pós-lexical, ou seja, do que

decorre serem do nível fonético os ditongos crescentes (BISOL, 1989, p. 215), em 20, ilustrado.

Quadro 20: Ditongos variáveis

quiabo	[kʰabu ~kjabu]
iate	[iatʃi ~ ˈjatʃi]
suar	[súar ~ˈswar]
oeste	[úestʃi ~ ˈwestʃi]

Fonte: Bisol (1989, p. 215)

Relativamente ao ditongo crescente, Câmara Jr. (2002, p. 56) afirma que *o único e restrito ditongo crescente é aquele formado pela vogal assilábica /u/, seguida da vogal baixa /a/, e antecedida pela plosiva velar, como em 'qual'*. Isso é assumido também por Bisol (1989, p.216) ao afirmar que há um único ditongo crescente que não alterna com o hiato, ou seja, a sequência *kw* ou *gw*, seguida de *a/o*, como apresentado em 21.

Quadro 21: Ditongos crescentes

qual	[kwal]	* [kual]
quando	[kwãːdu]	* [kuãːdu]
quociente	[kwosiˈẽpt̚si]	* [kuosiˈẽpt̚si]

Fonte: Bisol (1989, p. 216)

Essas sequências, segundo Bisol, seriam reminiscências dos grupos latinos *[kw]/[gw]*, os quais teriam sido lexicalizados na língua portuguesa.

Passa-se à apresentação dos ditongos decrescentes.

2.7.2 Ditongos decrescentes

Sincronicamente, partindo-se da visão estruturalista de Câmara Jr. (1999, p. 101-102 [1977]), o ditongo é interpretado como um grupo de duas vogais tautossilábicas. Constitui-se da BASE, ou vogal silábica, que pode ser tônica ou átona, conforme a sílaba seja acentuada ou não, e de uma vogal auxiliar assilábica, necessariamente átona. Aliás, o conceito de ditongo, para o linguista, está ligado ao de sílaba sonora ou estrutural, com um ápice, o silábico, entre uma parte crescente e outra decrescente, *possíveis*. Esse grupo vocálico depende também de uma *oposição distinta com vogal simples* (e.g. *païou, pau, em face de pá; qual em face de cal*).

Em português são em número de onze os ditongos decrescentes, cuja vogal átona pode se manifestar como glide coronal [j] ou dorsal [w]. São eles: *-ai, -au, -éi, -éu, -ei, -eu, -ói, -oi, -ou, -ui* (cf. *paï, pau, méis, céu, lei, ateneu, herói, boi, grou, Rui*).

Segundo Câmara Jr, os ditongos decrescentes orais e nasais não derivam do latim, advêm de criações românicas, a partir de vogais que já eram adjacentes na língua latina (ex.: *meu- >meu*) ou assim transformadas, pelo processo de metátese (ex.: *coriu- > coiro > couro*), ou de apagamento (ex.: *malu- > mau*) ou, ainda, de vocalização de uma consoante (ex.: *lectu- > leito*). O autor salienta que somente os ditongos *-au* e *-ou* são, em parte, provenientes do ditongo decrescente latino /aw/, que nos vocábulos eruditos se manteve e nos populares sofreu mudança para /ow/, onde às vezes – /oy/, por dissimilação (ex.: *causa > causa; causa > couse, donde ainda – coisa*). (ap. CÂMARA Jr., 1999, p. 102).

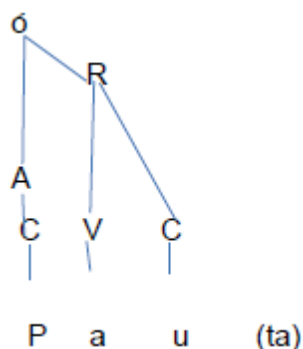
Para Bisol (1989), é no nível subjacente que as vogais assilábicas se tornam glides, durante o processo de silabação. Os glides são formados no componente lexical, manifestam-se como [j] e [w]. A posição de coda que ocupam é aquela de consoantes, a exemplo de *mar, mau*.

Os ditongos são de dois tipos, segundo Bisol (1989), verdadeiros e falsos.

Bisol (1989), confirmando o que diz Câmara Jr. (2002), atenta para o fato de que alguns ditongos não podem ser monotongados, a exemplo de p[aw]ta ~ p[a]ta, r[ej]tor ~ r[e]tor. Esse tipo de sequência vocálica é classificada pela autora como verdadeiros ditongos. Podem ser identificados na estrutura subjacente dos termos em que aparecem e estão associados a duas posições no *tier* da rima.

Esses ditongos constituem uma *rima* complexa e tendem a ser preservados, não aparecendo em variação livre com uma vogal simples. Tais seqüências formam pares mínimos com a vogal simples: *lei-lê*, *laudo-lado*, *caule-cale* (BISOL, 1989, p. 190), o que indica que esses ditongos são fonológicos no português, em 11 apresentado.

Figura 11: Verdadeiro ditongo



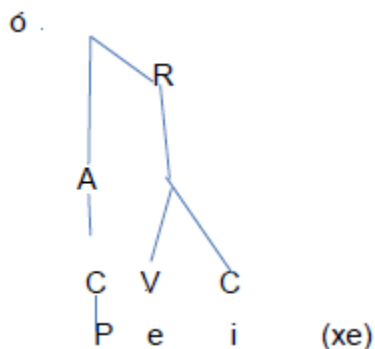
Fonte: adaptado de Bisol (1989, p. 190)

Os ditongos falsos ou leves, como são também denominados, são criados no *tier* melódico, através de processos assimilatórios. Essas seqüências não existem na estrutura profunda, mas são criadas em um nível mais superficial; desta feita, não ocupam duas posições no *tier* da rima, daí uma rima simples.

A autora defende que agrupamentos vocálicos com essas características tendem a perder-se, são ditongos meramente fonéticos, como exemplifica p[ej]xe ~ p[e]xe; am[ej]xa ~ am[e]xa; c[aj]xa ~ c[a]xa¹⁵, cuja representação arbórea é ilustrada em 12.

¹⁵Outro ditongo que passa a monotongo, segundo Collischonn (1999), é o ditongo [ow], cuja análise, segundo a autora, exige estudos mais amplos e como o ditongo que interessa ao presente trabalho é o ditongo [je], não será objeto de estudo o ditongo [ow].

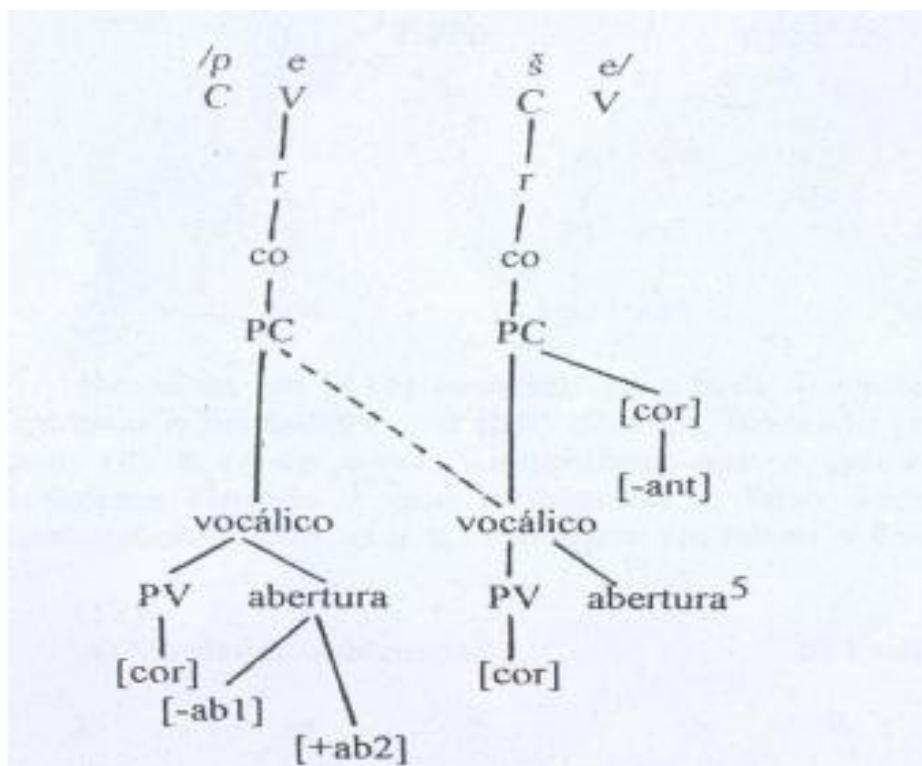
Figura 12: Falso ditongo (ditongo leve)



Fonte: adaptado de Bisol (1989, p. 190)

Segundo Bisol (1989), no PB, todo ditongo diante de consoante palatal é um falso ditongo, pois possui apenas uma vogal em sua estrutura profunda. O glide presente nesses ditongos surge, segundo a autora, a partir de um processo assimilatório, que consiste no espriamento do traço secundário da consoante palatal, visto que as consoantes palatais possuem traços consonantais e vocálicos, e traços vocálicos podem se espriar quando precedidos de /e/ ou /a/, em 13 ilustrado.

Figura 13: Representação do espriamento vocálico



Fonte: Bisol (1994, p.129)

Bisol (1994, p. 129) afirma que o glide é formado a partir do ponto de articulação secundário da consoante, isto é, a partir do nó vocálico da consoante palatal, o qual espriam para a esquerda, cujo resultado é a criação de um segmento vocálico. Essa é a forma pela qual se origina o glide.

A seguir, tem-se a apresentação da epêntese, em português (2.8.1) e em espanhol (2.8.2).

2.8 EPÊNTESE

2.8.1 A epêntese no Português Brasileiro

A epêntese é concebida como um *recurso de salvar*, no léxico, segmentos *flutuantes*. Somente assim o elemento consonantal flutuante poderá ser silabado como *ataque de uma rima com V não-associado a material fonético* (BISOL, 2000, p. 33).

A realização da vogal epentética é normalmente [i], podendo também ser [e]. Em alguns dialetos, porém, somente em posição pretônica aparece a variante [e], como *futeebol*, *peneu*, *peneumonia*, sendo, não obstante, escolhida preferencialmente a variante [i]: *futibol*, *pineu*, *pineumonia*.

De acordo com Bisol (1989, p. 729), a epêntese está disponível em todos os níveis lexicais, como parte da silabação. Quando há violação de princípios universais ou convenções de língua particular processa-se a silabação iterativa, em torno de nós vocálicos vazios, que serão preenchidos por *default* ou assimilação, legitimando assim uma dada configuração silábica.

No português brasileiro, o recurso preferido para o processo de epêntese é a incorporação com a expansão da coronalidade como em: *duple[kis]*. Nos casos em que o fenômeno se dá no início da sílaba começada por /s/ ocorre uma obstruente à direita desse segmento consonantal (cf. *stá ~istá*; *strela ~ istrela*) ou uma líquida à esquerda (cf. *slide ~ islide*), raramente /r/, transformando nesses casos o /s/ em elemento flutuante (cf. *sriLanca ~ [sj] ri Lanca*).

Por obediência às regras de boa formação da sílaba em português, não são permitidas oclusivas em coda. Tome-se como exemplo a palavra *ritmo*, se hipoteticamente silabificada como a forma *rit-mo, a presença da oclusiva 't' em final de sílaba feriria a Condição de Coda da língua, que permite nesse contexto somente as soantes /N/ r/ e a fricativa /S/. Da mesma forma, se em *ritmo* a oclusiva /t/ fosse silabificada como *ri-tmo feriria a Condição de Ataque do português, que não admite uma sequência tautossilábica formada por uma consoante oclusiva seguida de uma nasal.

Na visão de Bisol (2000), a epêntese lexical possui a função de salvar elementos flutuantes, enquanto a epêntese pós-lexical tem a função de simplificar sílabas com ataque ou *codas* complexas.

2.8.2 A Epêntese no Espanhol

Em espanhol a epêntese se dá com a inserção de uma oclusiva epentética como elemento de transição entre nasal ou lateral e vibrante, como tem sido fonologizado no futuro e condicional de verbos irregulares como *pondré* ‘colocarei’ (poneré > ponré > pon ré) *tendré* ‘tereí’; *saldré* ‘sairei’, etc).

Hualde (2014, p. 105) afirma que nesse idioma, historicamente, encontra-se epêntese de oclusiva oral entre /m/ e uma vibrante que a segue como ilustrado pelo autor ao utilizar-se das palavras *nombre* ‘nome’, *hombro*, ‘ombro’ e *hembra*, ‘fêmea’; *Nomine* > *nomne* > (por elisão da vogal postônica) > *nomre* (por dissimilação) > *nombre* (por epênteses), *Homine* > *hombre*, *HUMERU* > *hombro*, *FAMINE* > *hambre*, *FEMINA* > *hembra*, etc.

O fenômeno epentético mais notório na fonologia do espanhol, segundo o autor, é a inserção da vogal /e/ antes de /s/ inicial de palavra seguida de consoante. Esta regra, a qual também pode ser detectada em português, pode ser observada na utilização de empréstimos como em *stress* – *estress*, *snob*–*esnob* entre outras, bem como, na aprendizagem de hispano falantes de línguas como o inglês, que admite este grupo inicial.

Contudo, é sobre a inserção do glide [j] ao lado de outra vogal tautossilábica em vocábulos do espanhol-L2 que trata o presente trabalho. Por meio desse mecanismo, os brasileiros aprendizes de espanhol como LE produzem variantes com a sequência [je], as quais correspondem na língua-alvo a estruturas em que inexistente ditongo, a despeito de sequências que formam ditongos, sobretudo o crescente, serem fartamente encontradas no espanhol (cf. *pieza* = ‘peça’, *tierra* = ‘terra’, *empieza* = ‘começa’, *pierde* = ‘perde’, *eficiente* = ‘eficiente’, *abierto* = ‘aberto’, *invierno* = ‘inverno’, *bien* = ‘bem’, *eficiente* = ‘eficiente’, *crescente* = ‘crescente’ etc.)

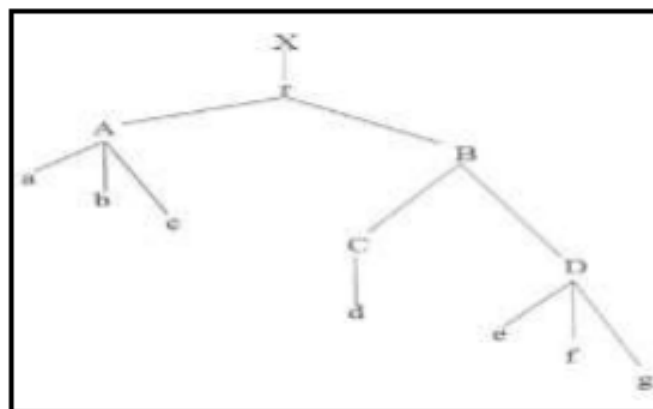
2.9 A TEORIA AUTOSSEGMENTAL (CLEMENTS e HUME, 1995)

O modelo autossegmental foi criado para explicar os processos fonológicos de assimilação de traços, o qual nessa teoria é interpretado como espraçamento de traços do elemento sintagmático na cadeia da fala. Preocupa-se acima de tudo com o aspecto representacional.

Para o modelo de Clements, não só o segmento é uma entidade fonológica, como preconizava o modelo linear de Chomsky e Halle (1968), mas também os traços distintivos o são, pois podem funcionar independentemente. Assim, nesse modelo teórico cai a relação de bijetividade, por meio da qual cada segmento deveria relacionar-se tão somente com o seu feixe de traços e esse com o segmento que caracterizava.

À luz dessa proposta teórica, uma regra fonológica pode ser aplicada a cada traço isoladamente, por isso ‘autossegmental’. Os traços podem, então, estender-se aquém ou além de um segmento, constituindo, não obstante, uma hierarquia. O segmento possui, assim, uma estrutura interna organizada hierarquicamente, cuja representação arbórea é ilustrada na Figura 14.

Figura 14: Representação do espriamento vocálico



Fonte: CLEMENTS & HUME (1995, p. 249)

Na representação hierarquicamente organizada, tem-se uma unidade temporal abstrata ‘X’, sob a qual está o nó de raiz ‘r’, ou seja, a base do segmento, pois possui status especial, é constituído pelos traços de classes maiores – [±soante], [±aproximante] e [±vocoide], dividindo os segmentos em grandes classes (obstruintes, nasais, líquidas e vogais); domina todos os demais nós. Os nós identificados na figura como ‘A’, ‘B’, ‘C’ e ‘D’ são nós de classe – responsáveis por grupos de elementos, funcionando como unidades ou classes naturais em regras fonológicas (ap.

MATZENAUER, 2005, p. 48). O nó de classe laríngeo 'A' é responsável por todas as atividades que ocorrem na laringe – as quais nesse modelo teórico são representadas sob os nós terminais, que lidam com traços fonológicos, assim 'a', 'b' e 'c' serão responsáveis por representar o vozeamento ou não das cordas vocálicas, a aspiração ou não aspiração na glote. O nó de classe 'B' - denominado cavidade oral – domina outros dois nós de classe 'C', para um lado, e 'D', para outro lado; sob tais nós são formalizados os traços fonológicos de modo e de ponto de articulação. A disposição desses nós de classe e nós terminais, ligados por linhas de associação, se dá em camadas ou *tiers*.

São as linhas de associação que estabelecem a estrutura; caso contrário, os traços ficariam flutuantes. Elas são responsáveis por unir os nós e mostrarem as relações existentes entre eles: todas as regras e processos fonológicos serão representados nas linhas, ou ligamos linhas na estrutura ou as desligamos.

No modelo autossegmental, os princípios assumidos têm a responsabilidade de impor limite à aplicação de regras. São em número de três: (i) Princípio de não cruzamento de linhas associativas; (ii) Princípio do contorno obrigatório (PCO); e (iii) Restrição de ligação. O Princípio de não cruzamento de linhas, (i), é responsável, por exemplo, pela regra de harmonização vocálica não dar 'saltos', pois cruzaria linhas de associação. Tome-se a palavra 'peregrino', essa não passaria por uma regra que derivasse **p̄iregrino*, mas sim por uma regra que contagiasse a pretônica contígua à vogal alta tônica, daí *perigrino*, ou ainda que contagiasse a pretônica contígua à vogal alta tônica e fosse contagiando as demais, como em *p̄irigrino*.

O Princípio do contorno obrigatório, (ii), proíbe ou evita estruturas adjacentes iguais, as quais podem ser constituídas de segmentos ou traços distintivos. Por exemplo, a sequência [li] não é considerada boa, pois o segmento vocálico [i] tem um nó vocálico (sob o nó ponto de consoante) todo igual àquele da líquida palatal [λ], o que faz com que tal sequência tenda a ser simplificada para [li], em que a líquida lateral [l] não carrega um nó vocálico. Outro caso é se dois segmentos idênticos ocorrem em sequência (a exemplo das consoantes geminadas ou das vogais longas), eles serão reduzidos a um só, mas a unidade temporal de ambos os segmentos será mantida.

O princípio denominado Restrição de ligação, (iii), determina que linhas de associação sejam interpretadas exaustivamente em descrições estruturais. Ele é fundamental “à correta descrição estrutural e aplicação de regras que envolvem mais de um tier” (ap. MATZENAUER, 2005, P. 68).

Os segmentos, sob esse aparato teórico, são classificados como simples, complexos ou de contorno. Um segmento simples permite uma só constrição na cavidade bucal (cf. [p] caracterizado pelo traço [labial]). Um segmento complexo permite mais de uma articulação oral ou constrição no aparato bucal (cf. [kp], caracterizado pelos traços [labial] e [dorsal]). Um segmento de contorno carrega duas bordas, ou seja, dois lados. Esse tipo de segmento é caracterizado por uma sequência de traços, os quais possuem tratamento independente, ou seja, cada um ocupa o seu próprio tier. (cf. [tʰ] cuja borda esquerda é caracterizada pelo traço [-contínuo], ao passo que a borda direita carrega o traço [+contínuo]).

Enfim, a Geometria de Traços permite o estabelecimento de relações múltiplas entre os traços fonológicos. A assimilação é uma das regras mais utilizadas nas línguas do mundo, o que se dá pela facilidade de articulação.

Neste estudo, acredita-se que o glide coronal [j] que emerge no espanhol L2 adjacente a uma vogal formando com esse elemento um ditongo crescente, possa ser oriundo de um processo de assimilação de traços de elemento que se lhe seja contíguo.

O capítulo 3, a seguir, é consagrado à apresentação da metodologia empregada na pesquisa.

3 METODOLOGIA

O presente capítulo objetiva apresentar o método de análise utilizado na pesquisa, os materiais de apoio, os procedimentos empregados para a coleta de dados, os critérios para a escolha do *corpus* e as variáveis utilizadas na pesquisa.

3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA

Os dados que compõem o trabalho fazem parte de um *corpus* coletado com 34 alunos do curso de graduação do curso Português e Espanhol da Universidade Federal de Pelotas, no segundo semestre de 2016 e primeiro semestre de 2017.

A coleta foi feita em duas etapas, em virtude de períodos nos quais houve recesso e férias. Ocorreu nas dependências da Universidade Federal de Pelotas em uma sala cedida pela coordenadora do Curso de Letras Português e Espanhol, onde os informantes, previamente contatados, compareceram, para que individualmente e sem a presença de terceiros, participassem, voluntariamente, como informantes da pesquisa. Seguem os procedimentos adotados para o levantamento do *corpus*.

a) Em um primeiro momento foi solicitado a cada informante a leitura de 30 palavras isoladas (Anexo 1), formuladas com base na experiência em sala de aula de língua espanhola da própria pesquisadora;

b) Após a leitura das palavras isoladas, deu-se a entrevista, feita em espanhol, composta de 34 perguntas e com duração média de quinze minutos (Anexo 2);

c) Em seguida, solicitou-se a cada informante a leitura de 60 frases (Anexo3), com o intuito de observar-se a inserção do glide palatal[j].

d) Posteriormente, seguiu-se a leitura de dois textos autênticos correntemente encontrados em manuais de espanhol para estrangeiros (Anexos 4 e 5);

e) A seguir, como última etapa da coleta de dados, pediu-se a cada informante que identificasse gravuras que lhe eram mostradas na tela do computador, a fim de que fosse verbalizado o significado de cada gravura (Anexo 6).

Os textos, frases e palavras isoladas foram entregues aos informantes em papel ofício e, após a leitura, recolhidos. Para a coleta utilizou-se um aparelho mini gravador

digital de voz Sony ICD PX 312, com o qual foram obtidas as gravações. Para a apresentação das gravuras que constam no Anexo 6, utilizou-se um *notebook*, com tela de quinze polegadas e utilizadas somente na primeira fase da coleta, em virtude de não apresentar resultados.

Buscou-se promover um ambiente descontraído, durante a gravação, e, em muitos momentos, a resposta dada pelo informante serviu de subsídio para outros questionamentos que objetivavam uma fala espontânea por parte dos participantes. Nesses momentos a pesquisadora sempre comunicou-se em espanhol, solicitando aos informantes que fizessem o mesmo.

A escolha pela entrevista se deve a estudos sociolinguísticos, cujo interesse é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, ou seja, o uso linguístico espontâneo. Segundo Labov, eis “o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008 p. 208).

Foi perceptível, como previsto pela literatura, a queda do monitoramento, quando das perguntas referentes aos interesses pessoais e ao cotidiano dos informantes. Na maioria das vezes em que a entrevista abordava questões de cunho pessoal, como família, interesses, e tarefas do cotidiano, o informante respondia de forma mais espontânea, discorrendo de forma natural sobre seus objetivos e anseios ou desilusões, quanto à carreira docente, por exemplo.

Ao longo da entrevista, bem como a leitura das palavras isoladas ou o reconhecimento das gravuras, em havendo a epêntese na forma alvo, a pesquisadora, após fazer as perguntas seguintes, repetia a mesma pergunta ao longo da entrevista, objetivando observar a ocorrência da inserção do glide palatal, por duas vezes mais, de forma natural.

Após a gravação dos dados, esses foram ouvidos, transcritos foneticamente e organizados em tabelas, separadas por nível de adiantamento. Após, esse material foi codificado, de acordo com as variáveis estabelecidas no item 3.4; posteriormente, esses dados foram submetidos à oitiva de um professor de espanhol, falante nativo do idioma. Esse indivíduo, sem ter conhecimento dos resultados levantados pela pesquisadora, ratificou o que fora anteriormente por ela coletado.

Os dados, separados e codificados, foram submetidos ao Programa Computacional *GoldVarb* 2001 (versão 3.0b3). O *GoldVarb* é uma versão para ambiente Windows do pacote de Programas *VarbRul* – do inglês *Variable Rules Analysis*. É um Programa de análise multivariada que contém vários arquivos, especificamente estruturado para trabalhar com dados de variação.

O modelo matemático foi criado por David Sankoff, Henrietta Cedergren, Pascale Rousseau e William Labov e é capaz de processar grande volume de dados linguísticos de variação, com o objetivo de explicar (ou não) determinado fenômeno sociolinguístico.

Depois de os dados terem sido transcritos e digitalizados, passou-se à utilização do *GoldVarb*; ao ser aberto, habilitam-se duas janelas. A primeira diz respeito ao *corpus* – é o denominado arquivo de *tokens* ‘dados’, esses são salvos com a extensão *.tkn*. A segunda janela, a dos fatores, abriga o número total de variáveis e suas respectivas variantes, as quais são todas codificadas, incluindo-se aí o valor de aplicação/não aplicação do fenômeno estudado; para que isso ocorra, clica-se em *Set number of groups*.

Deve-se atribuir um valor *default*, para cada uma das variantes arroladas. Após cada atribuição de códigos para fatores/variáveis e seus (suas) subfatores/variantes, clica-se em *Modify group* até se chegar ao final do processo de atribuição de códigos e valores *default*. Após terminada tal etapa, clica-se novamente em *Tokens*, no menu do Programa, e logo na janela *Check tokens*.

Caso haja erro de codificação, o *GoldVarb* assinala em que posição ocorre o erro; corrige-se o elemento apontado, no arquivo de dados. Essa checagem ocorre até o Programa mostrar uma mensagem de que a totalidade dos dados foi conferida. Vai-se novamente em *Tokens*, no menu, após clica-se em *No recode*; então abre-se uma janela para o arquivo de condições, o qual é salvo com a extensão *.con*. Depois disso, clica-se sobre o botão *Cells*, no menu, e, após, em *Load cells to memory*; na etapa subsequente, abre-se uma janela com a pergunta sobre o valor de aplicação, ao qual será atribuído ‘1’. Esse arquivo é salvo com a extensão *.cells*.

Como último procedimento, clica-se sobre *Cells*, no menu, e, após, sobre *Binomial up and down*. É das rodadas de *up* que são retiradas as informações

selecionadas pelo Programa como favorecedoras ou não do fenômeno estudado. Tem-se, assim, os resultados, onde obtiveram-se os resultados que serão amplamente descritos no Capítulo 4, dedicado à descrição dos dados.

3.2 OS INFORMANTES

Participaram da pesquisa acadêmicos do curso de Letras Português e Espanhol em ambiente formal de aprendizagem. A graduação possibilita a atuação no ensino do Espanhol como L2, sendo esse dado de extrema relevância para a pesquisadora, visto que as possíveis fossilizações podem ser reproduzidas *a posteriori* pelos futuros docentes do idioma.

Foram coletados dados de 34 alunos do curso de Letras Português e Espanhol da UFPEL, dos quais doze participaram espontaneamente da pesquisa, os quais cursavam o primeiro semestre de estudo do espanhol. Havia onze alunos do terceiro semestre e onze alunos do sétimo semestre. Foram descartados os dados cujos informantes não contemplassem os seguintes requisitos:

- a) ser falante nativo do português brasileiro;
- b) não ser filho de falantes de espanhol;
- c) não ter residido em países de língua espanhola;
- d) não ter tido contato com o idioma alvo em outros contextos, como em cursos de idioma.

A escolha dos níveis de adiantamento deu-se em virtude do domínio do idioma alvo, bem como o aspecto relativo ao monitoramento ocorrer de maneira decrescente do nível elementar ao nível avançado. Acreditava-se com isso que pudesse haver dados com epêntese vocálica de maneira diferenciada entre os informantes dos níveis inicial, intermediário e final do estudo formal do espanhol. Cotejaram-se, dessa maneira, os resultados obtidos no primeiro, terceiro e sétimo semestres.

3.3 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

As variáveis utilizadas na análise dos dados desta pesquisa classificam-se em variáveis dependentes – a epêntese vocálica do glide coronal [j] – e variáveis independentes, de caráter linguístico e extralinguístico.

3.3.1 Variáveis dependentes

A variável dependente aqui considerada refere-se à epêntese vocálica do glide [j]¹⁶, em contexto tônico, de que resulta a formação de um ditongo crescente em vocábulos do espanhol. Foi atribuída à variante-alvo, ou seja, sem inserção da forma epentética o coeficiente '0' (zero), e à variante epentetizada atribuiu-se o valor '1' (um).

3.3.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são de dois tipos – linguísticas e extralinguísticas. As variáveis linguísticas referem-se aos contextos precedente e seguinte à sílaba alvo de inserção do glide coronal. A variável extralinguística concerne ao nível de adiantamento no estudo do espanhol como L2 e instrumento de coleta de dados.

3.3.2.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas são em número de doze. Referem-se a contexto precedente e a contexto subsequente à sílaba em que pode ocorrer o glide palatal, inserido junto à vogal núcleo. Essas variáveis foram escolhidas em consonância com pesquisas já realizadas no português brasileiro (cf. Bisol, 2014; Amaral, 1996) e no espanhol rio-platense (cf. Silva, 2000), que comprovam o fato de vogais exercerem influência sobre vogais de sílabas vizinhas, bem como vogais sofrerem influência de consoantes vizinhas, conforme asseveram Clements & Hume (1995).

¹⁶ Como já referido, inicialmente, pretendia-se considerar também a inserção do glide dorsal [w] contíguo à vogal; contudo, em virtude do reduzido número de dados com esse elemento, optou-se por trabalhar tão somente com a epêntese do glide palatal [j], encontrado em profusão no *corpus*.

As variáveis linguísticas consideradas na pesquisa são:

1. Contexto precedente quanto à categoria do segmento:

v - vogal

t - consoante

Quanto à variável independente que concerne à categoria do segmento precedente à inserção do glide palatal [j], as variantes correspondentes foram codificadas como 'v', no caso de vogal e 't', no caso de consoantes.

2. Consoante *onset* da sílaba alvo de epêntese quanto a ponto de articulação

c - [coronal]

d - [dorsal]

k - não existe

Para a presente variável, codificou-se o traço [labial] como 'l'; o traço [coronal] como 'c', o traço [dorsal] como 'd' e utilizou-se o código 'k' para a não existência da variável.

3. Consoante *onset* da sílaba alvo de epêntese quanto a modo de articulação

p - plosiva

f - fricativa não aspirada

h - fricativa aspirada

n - nasal

r- líquida

k- não existe

No que se refere às variantes arroladas para tal variável, atribuíram-se os seguintes códigos: 'p' para plosivas; 'f' para fricativas não aspiradas; 'h' para fricativas aspiradas; 'n' para nasais; 'r' para líquidas; por fim, à não existência de uma consoante *onset* na sílaba alvo da epêntese foi atribuído o código 'k'.

4. Vogal da sílaba precedente quanto ao ponto de articulação

g - [coronal]

b - [dorsal]

k - não existe

Com respeito a essa variável, codificaram-se as variantes com os seguintes rótulos: 'g' para a vogal [coronal] precedente; 'b' para a a vogal [dorsal]; e 'k' para a inexistência de uma vogal nesse contexto.

5. Vogal da sílaba precedente quanto à abertura

i - [- aberto 1], [- aberto 2]

e - [- aberto 1], [+ aberto 2]

a - [+ aberto 1], [+aberto 2]

k - não existe

Para essa variável, utilizaram-se os códigos: 'i' para vogais altas [-ab1], [-ab2] (/i/ ou /u/), 'e' para as vogais [-ab1], [+ab2] (/e/ ou /o/); 'a' para a vogal [+ab1],[+ab2] (/a/); e, finalmente, 'k' para a inexistência de uma vogal na posição indicada.

6. Vogal da sílaba seguinte quanto a ponto de articulação

G - vogal [coronal]

B- Vogal [dorsal]

No que se refere ao ponto de articulação da vogal da sílaba seguinte à sílaba alvo de inserção da forma epentética, atribuíram-se os código 'G' para vogal [coronal]; e 'B' para vogal [dorsal].

7. vogal da sílaba seguinte quanto à abertura

I - [- aberto 1], [- aberto 2]

E - [- - aberto1], [+ aberto 2]

A- [+ aberto1], [+ aberto 2]

k- não existe

Atribuíram-se às vogais da sílaba contígua ao contexto alvo da epêntese os seguintes códigos: 'I' para [-aberto1], [-aberto2]; 'E' para [-aberto1], [+aberto2]; 'A' para [+aberto1], [+aberto2] e 'k' para a não ocorrência de uma vogal.

8. consoante *coda* da sílaba alvo da epêntese quanto ao modo de articulação:

- o - plosiva
- ! - fricativa não aspirada
- s- fricativa aspirada
- ?- africada
- # - nasal
- \$ - líquida
- k- não existe

Ao grupo de variantes dessa variável, foram atribuídos os códigos: 'o' para consoante plosiva; '!' para consoante fricativa não aspirada; 's' para consoante fricativa aspirada; '?' para consoante africada; '#' para consoante nasal; '\$' para consoante líquida; e 'k' à não existência de uma consoante em posição de coda da sílaba alvo de epêntese.

9. Consoante coda da sílaba alvo da epêntese quanto a ponto de articulação:

- L- [labial]
- C- [coronal]
- D - [dorsal]
- k- não existe

Quanto à variável que determina o ponto de articulação da consoante *coda* da sílaba alvo da epêntese, os dados receberam os códigos 'L' para uma consoante [labial]; 'C' para uma consoante [coronal]; 'D' para a consoante [dorsal] e 'k' para a inexistência de uma consoante em posição de *coda*.

10. Gênero gramatical

- V- verbos
- N- nomes

Para a variável atinente ao gênero gramatical, codificou-se como 'V' os vocábulos verbais e 'N' os vocábulos nominais.

3.3.2.2 Variáveis extralinguísticas

Com respeito às variáveis extralinguísticas, o presente estudo considerou dois fatores - 'instrumento de coleta' e 'nível de estudo formal do espanhol como L2'.

A variável 'instrumento de coleta' e suas variantes são apresentadas a seguir.

11. Instrumento de coleta

R- entrevista

F- leitura de palavras isoladas

J- leitura de frases

T- leitura de textos autênticos

A segunda variável extralinguística considerada no presente estudo concerne ao estudo formal do espanhol como língua estrangeira por falantes nativos do PB.

12. 'Nível de adiantamento do estudo formal de espanhol L2

& - principiante: 1º semestre

W - intermediário: 3º semestre

Y - avançado: 7º semestre.

Considera-se 'principiante' o informante que está cursando o 1º semestre '&'; 'intermediário' o informante que está cursando o 3º semestre 'W'; 'avançado' o informante que está cursando o 7º semestre 'Y'.

Escolheu-se essa variável pelo fato de considerar-se que a aquisição de uma L2 ocorre de maneira gradual, além disso o tempo de uso e de exposição à língua-alvo são fatores que contribuem para o domínio do novo sistema linguístico por parte dos acadêmicos (ALCÂNTARA, 1998, p. 48).

4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente capítulo trata da descrição e da discussão dos dados desta pesquisa, os quais foram submetidos ao Programa Computacional GoldVarb; contudo, em virtude de o Programa não ter selecionado nenhuma variável como favorecedora da aplicação do processo de epêntese do glide palatal [j], trabalhar-se-á tão somente com os valores percentuais gerados.

Passa-se, a seguir, no item 4.1, à apresentação e descrição das tabelas com valores percentuais, relativas às variáveis linguísticas e extralinguísticas e suas respectivas variantes¹⁷, controladas neste trabalho.

4.1 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

4.1.1 Contexto precedente à posição em que pode ocorrer o glide [j], quanto à categoria fonológica

Na Tabela 3, a seguir, tem-se os valores percentuais atribuídos pelo Programa às variantes ‘consoante’ e ‘vogal’, referentes à variável ‘Contexto precedente à posição em que pode ocorrer o glide [j], quanto à categoria fonológica’.

Tabela 3: Categoria fonológica do segmento precedente à posição de inserção do glide palatal [j]

Variantes	Aplicação / Total de dados	
Consoante	1154/1801	64,1%
Vogal	18/22	81,8%
Total	1172/1823	64,3%

Exemplos: imp[je]rio; sinc[je]ro; m[je]nte; g[je]nio; mol[je]sta; v[je]nta; contin[je]nte.

fa[je]na; pa[je]lla; ma[je]stro.

¹⁷ Independentemente da variável, em se tratando da ausência de informação linguística (variante 'k'), o dado não foi considerado neste capítulo.

Observa-se na tabela que houve um total de 1823 dados submetidos ao Programa Computacional, com respeito à categoria do segmento precedente à possibilidade de inserção do glide. Em se tratando de segmento consonantal precedente, houve a inserção do glide palatal [j] em 1154 dados, perfazendo 64.1% de um total de 1801 dados. No caso de o contexto precedente ser uma vogal, o Programa apresentou um percentual de 81.8% de inserções, visto que dos 22 vocábulos em que havia uma vogal nessa posição, dezoito desses apresentaram a epêntese. Isso, contudo, não permite que se faça generalizações em virtude do baixo número de dados¹⁸.

Passa-se ao item 4.1.2, relativo à próxima variável linguística considerada no trabalho.

4.1.2 Consoante *onset* da sílaba alvo da epêntese quanto ao ponto de articulação

Na Tabela 4, a seguir, os valores percentuais alcançados pelo Programa dizem respeito à variável 'Consoante *onset* da sílaba alvo da epêntese quanto ao ponto de articulação' e suas respectivas variantes.

Tabela 4: Consoante onset da sílaba alvo da epêntese quanto ao ponto de articulação

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
[labial]	485/758	64%
[coronal]	606/934	64.9%
[dorsal]	74/120	61.7%
Total	1165/1812	64.29%

Exemplos: atmosf[je]ra; p[je]ro; v[je]nta; univ[je]rso.

pod[je]r; carpint[je]ros; col[je]ra; flor[je]sta; contin[je]nte.

dij[je]ron; intelig[je]nte, g[je]nio, g[je]nte.

¹⁸ Esses dados só poderiam ser avaliados através de um instrumento com um número idêntico de vocábulos cujo contexto precedente tivesse uma vogal nuclear ou uma consoante em *onset*, o que não foi contemplado nos instrumentos de coleta desta pesquisa. Essa é uma tarefa a ser empreendida em trabalho futuro.

Como pode ser observado na tabela, quando a consoante *onset* é [labial], houve 485 ocorrências de epêntese, perfazendo 64% de um total de 758 dados. Em se tratando de *onset* [coronal], o Programa apontou para a aplicação do fenômeno em 606 casos (64.9%) de um total de 934 dados. Para a consoante *onset* [dorsal], houve um total de 61.7% de ocorrências do glide palatal [j], o que corresponde a 74 dados, para um total de 120 palavras.

Embora os percentuais apresentados sejam semelhantes e próximos, analisando-se o número de dados em que houve a inserção do glide palatal, há uma diferença significativa de ocorrência de epêntese entre eles— consoantes [coronal], [labial] e [dorsal]. Particularmente no que respeita ao *onset* [dorsal], o baixo índice de dados com [j] pode ser indício de que o referido contexto — [dorsal] em *onset* — é menos recorrente.

Em 4.1.3, tem-se a apresentação da variável linguística relativa ao modo de articulação do segmento *onset* da sílaba alvo de epêntese.

4.1.3 Consoante *onset* da sílaba alvo de epêntese quanto ao modo de articulação

Na Tabela 5, apresentam-se os valores percentuais atribuídos pelo Programa às variantes relativas à variável ‘Consoante *onset* da sílaba alvo da epêntese quanto ao modo de articulação’.

Tabela 5: Consoante onset da sílaba alvo da epêntese quanto ao modo de articulação

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
Plosiva	416/632	65.8%
Fricativa não aspirada	196/320	61.2%
Nasal	292/ 459	63.6%
Fricativa aspirada	75/121	62.0%
Líquida	186/280	66.4%
Total	1165/1812	64.29%

Exemplos: imp[je]rio; set[je]nta; ver Paid[je]ro

atmosf[je]ra; univ[je]rso; v[je]nden; v[je]ngo; terc[je]ro; perf[je]cto; ses[je]nta.

contin[je]ntes; m[je]nte; prim[je]ro; m[je]dio, prim[je]ro.

intelig[je]ntes; dij[je]ron, g[je]nte, g[je]nio;

der[je]cho; l[je]ntes; ingr[e]so; flor[je]sta;

Para a plosiva em *onset*, o Programa apontou um percentual de 65.8% de inserção do glide [j], perfazendo um total de 416 dados. Com relação à fricativa não aspirada, foram apontados pelo Programa 196 dados nos quais houve a epêntese, o que corresponde a um percentual de 61.2%. Em se tratando do *onset* nasal, foram computadas 292 ocorrências do glide palatal, o que corresponde a 63.6% dos casos. Para a fricativa aspirada em *onset*, os dados arrolados apresentaram um percentual de 62.0%, o que equivale a 75 dados nos quais houve a inserção do glide palatal. Para a líquida em *onset*, o Programa apontou um percentual de 66.4% de aplicação da epêntese, totalizando 186 ocorrências. Note-se que, embora, percentualmente a diferença entre consoante *onset* líquida e a consoante *onset* plosiva seja exígua, em

termos quantitativos, há a maior ocorrência em vocábulos cuja consoante *onset* da sílaba, trata-se de uma plosiva.

Por fim, não foi apontado pelo Programa nenhum valor percentual para a variante consoante onset africada¹⁹ da variável 'consoante *onset* da sílaba alvo da epêntese quanto ao modo de articulação'.

A seguir, em 4.1.4, passa-se à variável linguística que diz respeito ao ponto de articulação da vogal da sílaba precedente àquela alvo da epêntese.

4.1.4 Vogal da sílaba precedente quanto ao ponto de articulação

Na Tabela 6, a seguir, apresentam-se os valores percentuais atribuídos pelo Programa às variantes arroladas para a variável 'Vogal da sílaba precedente quanto ao ponto de articulação'. Seguem-se comentários.

Tabela 6: Vogal da sílaba precedente à inserção do glide [j] quanto ao ponto de articulação

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
[coronal]	627/975	64.3%
[dorsal]	170/ 263	64.6%
Total	797/1238	64.3%

Exemplos: pret[je]ndo; imp[je]rio; esp[je]ro; pres[je]nte

alim[je]ntos, alim[je]nta; lam[je]nto;

ag[je]nda; car[je]ntes; principalm[je]nte; verdad[je]ros,

compr[je]ndo; pon[je]r; pod[je]r; mol[je]sta;

flor[je]sta, atmosf[je]ra; proc[je]so.

Com respeito aos resultados expostos na tabela, em se tratando de vogal [coronal] na sílaba precedente, a presença do glide [j] ocorre em 627 dados (64.3%) de

¹⁹ Dentre as variantes que concernem à 'consoante *onset* da sílaba alvo da epêntese quanto ao modo de articulação', encontrava-se a variante 'consoante africada', para a qual o Programa apontou a inexistência de dados.

um total de 975 possibilidades, ao passo que com respeito à vogal [dorsal] precedente, foi assinalado um percentual de 64.6% de dados com epêntese, ou seja, 170 casos de um total de 263 dados.

A seguir, em 4.1.5, passa-se à variável linguística relativa à vogal da sílaba precedente quanto à abertura vocálica.

4.1.5 Vogal da sílaba precedente quanto à abertura

Na Tabela 7, a seguir, apresentam-se os valores percentuais atribuídos pelo Programa às variantes da ‘Vogal da sílaba precedente quanto à abertura’. Seguem-se comentários.

Tabela 7: Vogal da sílaba precedente quanto à abertura

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
[-aberto1, +aberto 2]	459/714	64.3%
[+aberto1, +aberto 2]	87/131	66.4%
[-aberto1, -aberto 2]	251/393	63.9%
Total	797/ 1238	64.3%

Exemplos: cont[je]nte, independ[je]nte, proc[je]so;

pret[je]ndo, proc[je]so, der[je]cho;

prim[je]ro; intelig[je]ntes, dijj[je]ron, alim[je]ntos;

verdad[je]ro; lam[je]nto; ag[je]nda, par[je]já, pa[je]lla

Observa-se na tabela 7 que, em se tratando de vogal média-alta na sílaba precedente (/e/ ou /o/ [-aberto1, +aberto 2]), o Programa apontou uma ocorrência do glide [j] em 64.3% dos casos (459 dados), restando à não ocorrência de epêntese o montante de 210 dados (35.9%). O percentual de inserção do glide [j], em se tratando da vogal baixa /a/ ([+aberto1, +aberto2]), foi da ordem de 66.4% (87 dados). Dos dados coletados e submetidos ao Programa, a variante relativa à vogal alta /i/ ou /u/ ([-aberto1, -aberto 2]), apresentou um total de 393 possibilidades de inserção, das quais

251 ocorrências são de inserção do glide palatal, ou seja, 63.9% dos dados, restando 142 dados nos quais o fenômeno não foi registrado.

A seguir, em 4.1.6, passa-se à variável linguísticaconcernente ao ponto de articulação da vogal da sílaba seguinte à possibilidade de inserção do glide palatal [j].

4.1.6 Vogal da sílaba seguinte quanto ao ponto de articulação

Na Tabela 8, observam-se os dados percentuais obtidos para a variável referente ao ponto de articulação da vogal da sílaba seguinte à sílaba alvo de inserção do glide [j].

Tabela 8: Vogal da sílaba seguinte quanto ao ponto de articulação

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
[dorsal]	611/949	64.4%
[coronal]	516/793	65.1%
Total	1127/1742	64.7%

Exemplos: esp[je]ro; t[je]ngo; compr[je]ndo, dep[je]ndo; flor[je]sta, ag[je]nda, mol[je]sta.

l[je]ntes; excel[je]ntes; difer[je]ntes; imp[je]rio; s[je]rie; g[je]nio; t[je]nia.

Os dados apresentados, na Tabela 8, apontam para o fato de que, em se tratando de uma vogal [dorsal], ou seja, /a/ ou /o/ na sílaba seguinte, o percentual de ocorrência do glide palatal foi de 64.4% (611 dados), deixando de ocorrer em 338 palavras (35.6%) de um total de 949 dados analisados pelo Programa. Com respeito à vogal [coronal] em sílaba seguinte à sílaba alvo, ou seja, no caso das vogais /e/ ou /i/, ocorre um percentual de 65.1% de epêntese, o que corresponde a 516 dados, de um total de 793 casos; restando, assim, um percentual de 34.9% (277 dados), no que tange à não ocorrência do fenômeno.

A seguir, no item 4.1.7, passa-se à apreciação da variável relativa à abertura da vogal da sílaba seguinte àquela alvo da epêntese.

4.1.7 Vogal da sílaba seguinte quanto à abertura

Na Tabela 9, apresentam-se os dados referentes à variável ‘Vogal da sílaba seguinte quanto à abertura’.

Tabela 9: Vogal da sílaba seguinte quanto à abertura

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
[-aberto1,-aberto 2]	105/ 164	64.0%
[-aberto1,+aberto 2]	827/1284	64.4%
[+aberto1,+aberto 2]	195/294	66.3%
Total	1127/1742	64.7%

Exemplos: imp[je]rio; difer[je]ncias; s[je]rie; s[je]is; g[je]nio.

m[je]nte; intelig[je]ntes; ens[je]ño; prim[je]ro;

v[je]nas; col[je]ra; difer[je]ncia; sinc[je]ra, fa[je]na.

Conforme atesta a tabela, a presença de uma vogal alta ([-aberto1,-aberto 2]) na sílaba seguinte resultou em 105 ocorrências de inserção do glide palatal, correspondente a um percentual de 64.0% de um total de 164 dados, dos quais 59 (36%) não apresentaram a referida epêntese. Em se tratando da variante que se refere à presença de uma vogal média-alta (vogal /e/ ou /o/ [-aberto1], [+aberto2]) em sílaba seguinte, o Programa registrou um percentual de 64.4% de dados com epêntese (827 ocorrências) de um total de 1284 possibilidades. O Programa apontou que a vogal baixa /a/([+aberto1], [+aberto2]) em sílaba seguinte somou um percentual de 66.3% de dados epentetizados, ou seja, 195 ocorrências de um total de 294 dados.

É necessário observar que em vocábulos nos quais não há uma vogal na sílaba seguinte, a inserção do glide [j] ocorreu em 45 dados (55.6%), de um total de 81 dados, restando 36 dados, ou seja, 44.4% dos casos sem a ocorrência do elemento epentético.

A seguir, no item 4.1.8, passa-se ao tratamento da variável linguística que diz respeito ao modo de articulação da consoante *codá* da sílaba alvo da epêntese.

4.1.8 Consoante *coda* da sílaba alvo de epêntese quanto ao modo de articulação

Na Tabela 10, determinam-se os percentuais referentes à variável ‘Consoante *coda* da sílaba alvo de epêntese’, de que trata o presente trabalho.

Tabela 10: Consoante *coda* da sílaba alvo quanto ao modo de articulação

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
Nasal	582/909	64.0%
líquida	63/111	56.8%
fricativa não aspirada	43/60	71.7%
Total de dados	688/1080	63.7%

Exemplos: alim[je]ntos; m[je]nte, contin[je]nte, set[je]nta, contin[je]nte;
entend[je]r; hac[je]r; venc[je]r; flor[je]sta; mol[je]sta.

Conforme atesta a tabela, em se tratando da *coda* nasal, houve epêntese em 582 casos (64%) de um total de 909 dados, enquanto a manutenção da forma-alvo, ou seja, a não ocorrência do glide [j] foi registrada em 328 dados (36%). No que tange à posição de *coda* preenchida por uma consoante líquida, o Programa apontou para a incidência do glide palatal em 63 dados (56.8%), enquanto em 48 dados (43.2%) de um total de 111 dados, a epêntese não ocorreu. O inventário da variante fricativa não aspirada em sílaba seguinte apontou para um percentual de 71.7% de casos nos quais se deu a ocorrência do glide palatal[j], totalizando 43 ocorrências de um total de 60 dados²⁰.

A seguir, no item 4.1.9, passa-se a tratar da variável relativa ao modo de articulação da consoante *coda* da sílaba alvo da epêntese e suas respectivas variantes.

²⁰Para a variante ‘s’, uma consoante fricativa aspirada, bem como ‘o’ que caracteriza as consoantes plosivas, e ‘?’ , referente às africadas, e que consta das variáveis controladas, o Programa não apontou nenhum dado em posição de *coda* da sílaba alvo da epêntese.

4.1.9 Consoante *coda* da sílaba alvo de epêntese quanto a ponto de articulação

Na Tabela 11, a seguir, apresentam-se os resultados apresentados pelo Programa para a variável Consoante *coda* da sílaba alvo de epêntese quanto a ponto de articulação'.

Tabela 11: Consoante coda da sílaba alvo de epêntese quanto a ponto de articulação

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
[coronal]	682/1071	63.7%
[dorsal]	6/9	66.7%
Total	691/1080	63.99%

Exemplos: m[je]nte; mol[je]sta; t[je]ngo, pret[je]ndo; l[je]nte;
imperf[je]cto; eff[je]cto.

Conforme se pode observar na tabela, em se tratando de consoante [coronal] em coda, oProgramaregistrou a inserção do glide palatal em 682 dados, perfazendo 63.7% dos casos; restam para a não ocorrência de epêntese em 389 dados (36.3%) de um total de 1071 possibilidades. Por outro lado, relativamente à presença de uma [dorsal] em coda, houve a inserção do glide palatal em 66.7% dos casos (6 dados), restando um percentual de 33.3% para os casos de não inserção de [j]^{21,22}.

A seguir, no item 4.10, passa-se à apresentação e descrição das tabelas com valores percentuais, relativos à variável 'Gênero gramatical', utilizado para o trabalho.

Na tabela 12 encontram-se os valores percentuais relacionados à variável 'gênero gramatical', cujas variantes foram rotuladas como 'verbo' e 'nome'.

²¹Deve-se salientar que, embora o percentual para a variante consoante coda [dorsal] seja relativamente alto, o número de possibilidades é significativamente baixo, possivelmente em virtude da escolha dos instrumentos de coleta.

²²Além dessas variantes, foram também consideradas outras duas: uma coda [labial], para a qual, no entanto, não houve registro de caso algum, motivo pelo qual não foi arrolada na tabela, além da variante 'ausência de coda', para a qual, no entanto, o Programa registrou um percentual de 65.1% (484 casos) de ocorrência do glide palatal, restando para a não ocorrência um valor de 34.9%, ou seja, o correspondente a 259 dados.

4.1.10 'Gênero gramatical dos vocábulos em que ocorre a epêntese do glide [j]

Tabela 12: Realização da epêntese do glide [j] quanto ao gênero gramatical

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
Verbos nível principiante	487/674	72.25%
Nomes nível principiante	187/674	27.74%
Verbos nível intermediário	149/373	39.94%
Nomes nível intermediário	224/ 373	60,06%
Verbos nível avançado	85 /125	68.0%
Nomes nível avançado	40/125	32,0%
Total	721/1172	64.3%

Exemplos: t[je]ngo, traj[je]ron, di[je]ron, esp[je]ro, des[je]o, pon[je]r;
 m[je]nte, difer[je]nte, der[je]cho, g[je]nio
 empec[je], apr[je]ndo, compr[je]ndo, entend[je]r,
 g[je]nio, contin[je]nte, atend[je]nte, prefer[je]ncia
 perman[je]cen, pret[je]ndo, tra[je]r, vend[je]r, volv[je]r,
 princ[je]sa, excel[je]nte, intelig[je]nte, sinc[je]ro,
 des[je]o, ejerc[je]r, entend[je]r, di[je]ron,
 alim[je]nto, cont[je]nte, ag[je]nda, prom[je]sas

Para a variável 'gênero gramatical' os vocábulos foram divididos em verbais e nominais. Os percentuais apresentados na tabela referem-se aos vocábulos verbais e aos vocábulos nominais relacionados aos diferentes níveis de estudo formal do espanhol, nos quais houve a inserção do glide palatal [j].

Nos dados em que a epêntese ocorre no nível principiante, contabilizou-se um total de 487 vocábulos verbais de um total de 674 possibilidades e, para o mesmo nível, o Programa apontou a epêntese em 187 vocábulos nominais, o que corresponde em

percentuais a 72.25% de vocábulos verbais, para um percentual de 27.74% de vocábulos nominais.

Com os dados obtidos na coleta com informantes do nível intermediário, constatou-se a inserção em 373 dados, para os quais o Programa apontou a inserção em 149 vocábulos verbais, ou seja, um percentual de 39.94%, para 224 vocábulos nominais, perfazendo 60.06% dos dados no nível supracitado.

Com respeito aos dados produzidos pelo nível avançado, em termos de vocábulos verbais, houve 85 ocorrências da forma epentética, o que perfaz 68% de um total de 125 dados. Relativamente aos vocábulos nominais, o Programa contabilizou 40 ocorrências da forma epentética, que remetem a um percentual de 32% do total de 125 dados.

Passa-se, a seguir, ao tratamento das variáveis extralinguísticas controladas na pesquisa, referentes ao instrumento de coleta e ao nível de adiantamento no estudo do espanhol como L2.

4.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

4.2.1 Instrumentos de coleta

Tabela 13: 'Instrumentos de coleta'

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
Entrevista	760/1155	65.7%
Leitura de frases	71/114	62.3%
Leitura de palavras isoladas	38/62	61.3%
Leitura de textos	303/492	61.8%
Total	1172/1823	64.3%

Observa-se, na tabela 13, os valores obtidos para cada uma das variantes levantadas relativamente à variável 'instrumentos de coleta' utilizada nesta pesquisa –

entrevista (Anexo 2); leitura de frases (Anexo 3); leitura de palavras isoladas (Anexo 1); e leitura de textos autênticos (Anexos 4 e 5).

Na entrevista, em língua espanhola, obteve-se um total de 1.155 dados dos quais 760 apresentaram a epêntese do glide [j], o que corresponde a 65.7% de ocorrência do fenômeno foco de estudo. Desses dados epentetizados, 350 foram diagnosticados entre os aprendizes do nível principiante, 278 no nível intermediário e 132 no nível avançado. Constata-se, assim, um movimento decrescente de inserção do glide palatal, com maior incidência entre os principiantes, seguidos pelos informantes do nível intermediário, os quais, por sua vez, se fazem suceder pelos informantes do nível avançado.

Para os dados obtidos com a leitura de frases, o Programa contabilizou 71 casos de epêntese, o que equivale a 62.3% do total de 114 possibilidades. No nível principiante obtiveram-se 32 dados, o que corresponde a 45% de vocábulos em que houve a ocorrência da epêntese. Entre os informantes pertencentes ao nível intermediário (3º semestre) houve a ocorrência do glide palatal [j] em 24 dados, o que representa 33.8% das ocorrências registradas para essa variante. Relativamente ao nível avançado, foram computados 15 dados, o que representa um percentual de 21.12% do total de inserções. Essa variante também sinaliza para o fato de que quanto mais avançado é o nível de estudo formal do idioma, menos frequente é o emprego de formas epentetizadas.

Com a leitura das palavras isoladas, obteve-se, conforme apontou o Programa, um total de 62 dados, dos quais 38 apresentaram a ocorrência de vocábulos com o glide [j], o que representa percentualmente 61.3% das possibilidades. No nível principiante houve um total de 25 dados, que representam 65.8% das ocorrências; enquanto o nível intermediário apresentou um total de 13 dados, relativos a 34.2% do total de possibilidades. Não houve registro de inserção do glide palatal no nível avançado de estudo formal do espanhol. Novamente, observa-se que o emprego de [j] entre os informantes se dá em maior número no nível inicial de estudo da L2, seguido pelo menor número de uso da epêntese entre os informantes do nível intermediário. No nível avançado, com respeito a esse fator, inexistiu o emprego de formas variantes, o que parece apontar para o maior domínio da língua-alvo pelos informantes.

Relativamente à variável 'leitura de textos autênticos', o Programa apontou uma totalidade de 492 dados, dos quais 303 são formas epentetizadas, equivalentes a um percentual de 61.8% de ocorrência do fenômeno. No nível principiante foi contabilizado um total de 185 dados com epêntese, ou seja, 61.5% de ocorrências. No nível intermediário, houve 61 dados com o glide palatal, equivalentes a 20.13% do total de dados. No nível avançado, a totalidade de dados epentetizados ficou em 58 ocorrências, o que contabiliza 19,14% correspondente em que ocorre epêntese.

Importante ressaltar o fato de que, embora haja diferença entre o número de dados nos quais houve a inserção do glide [j], esta é significativamente pequena no instrumento de coleta 'leitura de textos', no que tange aos níveis de estudo do idioma e por tratar-se da leitura de textos, onde, observa-se que mesmo com o adiantamento do nível de conhecimento do idioma, entre os níveis intermediário e avançado, a inserção ainda ocorre com uma diferença exígua entre os níveis.

A seguir, na seção 4.2.2, passa-se à variável relativa aos diferentes níveis de adiantamento no estudo formal do espanhol por falantes nativos do português brasileiro.

4.2.2 Nível de adiantamento no estudo do espanhol como L2

Na tabela 14, encontram-se os valores percentuais referentes à variável extralinguística 'Nível de adiantamento no estudo formal do espanhol'.

Tabela 14: Realização da epêntese do glide [j] quanto ao nível de estudo formal

Variantes	Aplicação/ total de dados	Porcentagem
Principiante	674/1045	64.5%
Intermediário	373/582	64.0%
Avançado	125/196	63.8%
Total	1172/1823	64.3%

Exemplos: t[je]ngo, traj[je]ron, di[je]ron, esp[je]ro;

m[je]nte, difer[je]nte, der[je]cho, g[je]nio;

empec[je], apr[je]ndo, ma[je]stro, compr[je]ndo;

g[je]nio, contin[je]nte, atend[je]nte, prefer[je]ncia

perman[je]cen, pret[je]ndo, tra[je]r, vend[je]r, volv[je]r;

princ[je]sa, excel[je]nte, intelig[je]nte, sinc[je]ro;

des[je]o, ejerc[je]r, entend[je]r, di[je]ron, volv[je]r;

alim[je]nto, cont[je]nte, ag[je]nda, prom[je]sas;

Intelig[je]nte, entend[je]r, perman[je]cen, resp[je]to.

Como se pode observar na tabela 14, com relação aos valores atribuídos pelo Programa a cada um desses fatores, o grupo pertencente ao nível principiante apresentou um total de 1045 dados, dos quais 674 apresentavam ocorrências de epêntese, correspondente a 64.5% dos casos; não houve epêntese em 371 dados, correspondente a 35.5% dos dados. Para o grupo intermediário, o Programa apontou a totalidade de 582 dados, dos quais 373 apresentavam o glide palatal (64%); não houve epêntese em 209 dados (36%). Por fim, o grupo avançado contabilizou 125 casos de epêntese, perfazendo 64% (125 dados) de um total de 196 dados. Mais uma vez, confirma-se, para os dados estudados nesta pesquisa, que o uso de formas epentéticas no nível principiante sobrepõe numericamente àqueles encontrados no nível intermediário e avançado, respectivamente.

Vale ressaltar que os resultados atinentes à variável extralinguística ‘Nível de adiantamento no ensino do espanhol como L2’, corroboram os resultados encontrados em outros estudos sobre a aquisição de L2, conforme Alcântara (1998), com respeito ao francês L2; e trabalhos referentes ao inglês L2, como o de Assis (2003) sobre estratégias de aprendizagem. Essa corroboração concerne ao fato de que quanto mais elementar é o estudo formal do idioma, no presente caso o espanhol como L2, tanto maior será o emprego de processos fonológicos ou estratégias de aprendizagem da língua materna do aprendiz, bem como outras estratégias das quais lança mão o aprendiz de um novo idioma, tais como analogias, paráfrase e repetições, conforme Fernández (1995).

Selinker (1974) considera a supergeneralização de material linguístico da língua-alvo, o quinto dos cinco processos dos postulados pelo autor e o central à aquisição, onde itens, regras e características semânticas do idioma em aquisição podem fossilizar-se, o que denota a formulação de hipóteses, como a ocorrência da inserção do glide palatal [j] na construção de ditongos crescentes, um traço corrente da língua espanhola, onde o informante utiliza-se da epêntese em vocábulos análogos ou idênticos do português, como nas palavras ‘mente e sincero’ ou ‘gênio e maestro’, com a intenção de diferencia-las e aproximar-se da língua alvo, ainda, no nível avançado do aprendizado do espanhol.

Fernández (1985) corrobora a afirmação de Selinker, ao discorrer sobre as generalizações que podem ocorrer no estágio avançado, tais como a formação de palavras a partir da utilização de sufixos, como já foi discutido no primeiro capítulo do trabalho.

Apresenta-se no Quadro 22, a seguir, as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas neste estudo e suas respectivas variantes que se sobressaíram na aplicação do processo de epêntese de [j] no espanhol como L2.

Quadro 22: Resultados

Variável	Variante
1. Contexto precedente quanto à categoria do segmento	Consoante
2. <i>Onset</i> da sílaba alvo quanto a ponto de articulação	[coronal]
3. <i>Onset</i> da sílaba alvo quanto a modo de articulação	Plosiva
4. Vogal da sílaba precedente quanto a ponto de articulação	[coronal]
5. Vogal da sílaba precedente quanto a ponto de abertura	[-ab1,+ab2]
6. Vogal da sílaba seguinte quanto ao ponto de articulação	[coronal]
7. Vogal da sílaba seguinte quanto à abertura	[-ab1, +ab2]
8. Coda da sílaba alvo da epêntese quanto ao modo de articulação	Nasal
9. Coda da sílaba alvo da epêntese quanto ao ponto de articulação	[coronal]
10. Gênero gramatical	Verbo
11. Instrumento de coleta	Entrevista
12. Nível de adiantamento no estudo do espanhol como L2	principiante

À coluna da direita, no Quadro, estão dispostos os fatores que mais promoveram a inserção do glide palatal [j] em sílaba tônica no espanhol-L2, nesta pesquisa. Esses fatores propiciadores prevalecem quando está em jogo o maior volume de dados com possibilidade de surgimento da forma epentética. Isso quer dizer que, quando se trata de conferir valores de aplicação e contextos facilitadores do glide palatal, não basta unicamente checar o percentual obtido, mas, sobretudo, observar o fenômeno em pauta no domínio que mais se lhe favorece a inserção.

Para a variável 'Contexto precedente quanto à categoria segmental', os percentuais resultantes, encontrados na Tabela 3, apontam para o favorecimento de vogal em prol da inserção do glide palatal, visto que o percentual obtido para a referida

variante fica na casa de 81.8% dos casos. No entanto, ao considerar-se o número total de dados obtidos, ou seja, o montante de 1801 dados e as possibilidades de ocorrência do glide palatal, aparecem nada menos que 1154 casos em que a variante ‘consoante’, em contexto precedente, favorece a ocorrência da epêntese. Essa constatação faz refletir que, em se tratando da variante ‘consoante’ em contexto precedente, embora a quantidade de dados seja menor percentualmente, ela é sobremaneira mais robusta quantitativamente do que a variante ‘vogal’ nesse mesmo ambiente linguístico.

Faz-se necessário atentar para o fato de que, embora o maior número de dados com epêntese tenha sido coletado por meio do instrumento ‘entrevista’, precisa-se referir que seria necessário um instrumento de coleta que controlasse de forma quantitativa vogais e consoantes no mesmo contexto linguístico, o que não ocorre com os instrumentos de coleta escolhidos para a pesquisa.

No que tange à variável ‘Consoante *onset* da sílaba alvo quanto a ponto de articulação’, cuja descrição encontra-se na Tabela 4, o Programa fornece percentuais similares para as diferentes variantes arroladas. No entanto, embora com um percentual muito semelhante entre consoante [labial] e consoante [coronal], destaca-se o número maior de possibilidades e de ocorrências no ambiente das consoantes portadoras do traço [coronal], sobretudo se comparada à disparidade, no total de vocábulos em que ocorre a inserção do glide, quando os contextos são [coronal] e [dorsal]. Esses são desproporcionais, visto que para a consoante *onset* [coronal] houve o total de 934 dados, dos quais 606 apresentaram a epêntese, ao passo que foram contabilizados 74 dados com epêntese, no ambiente de consoante *onset* [dorsal].

As variantes controladas para a variável ‘modo de articulação da consoante *onset* da sílaba alvo’ obtiveram percentuais semelhantes; no entanto, ao analisar o número de possibilidades que se apresentaram para as consoantes plosivas, verifica-se na Tabela 5, que quantitativamente há um número maior de ocorrências no contexto dessa variante – considerados os 416 dados com epêntese inserida – enquanto apenas 292 foram observados no contexto de um *onset* nasal e menos ainda no ambiente de *onset* preenchido por fricativa não-aspirada, isto é, 196 dados.

No que tange à variável relativa ao ponto de articulação da vogal da sílaba precedente, como pode ser observado na Tabela 6, a preferência é por um ambiente

com vogal [coronal] (/i/ou /e/), visto que o Programa, para esta posição, apresenta um total de 627 dados nos quais ocorre a epêntese, para 170 dados em que a vogal precedente é uma vogal [dorsal].

Em se tratando de vogal da sílaba precedente quanto à abertura, como pode observar-se na Tabela 7,a preferência da epêntese foi guiada pelo contexto caracterizado por [-aberto1, +ab2], ou seja, vogais médias-altas (/e, o/). Essa variante aponta a inserção em 459 dados, enquanto a inserção em sílabas caracterizadas por vogal [-aberto 1, -aberto 2], ou seja, vogais altas(/i, u/) se dá em 251 dados; em contrapartida, ficam em 87 dados o montante de formas epentetizadas para a variante [+aberto1, +aberto2], ou seja, a vogal baixa/a/.

Relativo ao ponto de articulação da vogal seguinte à inserção do glide palatal, os percentuais para as variantes vogal [coronal] e vogal [dorsal], encontradas na Tabela 8, são muito semelhantes; no entanto, no que tange às vogais caracterizadas pelo traço [coronal] a diferença entre as possibilidades e a inserção diminuem, das 793 possibilidades, ocorreu a epêntese em 516 dados, em tese, há uma maior inserção quando o contexto carrega uma vogal [coronal].

Nos dados que apresentaram a inserção do glide palatal [j], com respeito à variável grau de abertura da vogal da sílaba seguinte, tem-se percentuais muito próximos, como pode ser observado na Tabela 9, havendo inclusive um percentual maior para a vogal baixa /a/ [+ aberto1, +aberto2], ainda que a quantidade de dados tenha sido numericamente menor. Isso porque o maior número de ocorrências epentetizadas – 827 dados – se dá em vocábulos com uma vogal média-alta [-aberto1, +aberto2], (/e/ou /o/), cujo total de possibilidades é de 1284 dados.

Para a variável que controla o modo de articulação da consoante coda da sílaba alvo, o Programa apontou massivamente para uma consoante nasal, embora o percentual seja maior em vocábulos cuja coda silábica se trate de uma consoante fricativa não aspirada, 71.66%, no entanto, a ocorrência foi em apenas 43 dados, enquanto o total de 582 dados, encontra-se em sílabas cuja *coda* é uma consoante nasal. Em resumo, os percentuais e as quantidades são discrepantes, já que, percentualmente, há 71.66% (43 dados), onde há em posição de *coda* uma consoante fricativa não aspirada, para 64% de consoante *coda* nasal, considera-se, portanto, que

a maior inserção ocorre em sílabas cuja consoante *coda* é nasal, como pode observar-se na Tabela 10.

A variante preferencial para a presença do glide palatal, com respeito ao ponto de articulação da consoante *coda* da sílaba alvo da epêntese, foi a consoante [coronal], como pode ser observado na Tabela 11. Enfatiza-se, o traço [coronal] foi um dos que mais se sobressaiu tanto em percentuais quanto em valores quantitativos. Para essa variante, encontra-se um total de 682 dados nos quais há a inserção do glide, enquanto para as consoantes caracterizadas pelo traço [dorsal] somente 6 dados de 9 possibilidades foram apontados pelo Programa. No entanto, percentualmente, 66.6% dos dados com epêntese ocorrem no ambiente de uma consoante dorsal, e 63.6% para o contexto em que a consoante *coda* é uma [coronal], o que faz com que novamente, se atente para o fato de que consideraram-se os valores quantitativos e não percentuais.

A escolha da variável ‘gênero gramatical’, explicitada na Tabela 12 e que controla o número de vocábulos verbais e nominais, bem como os níveis nos quais há epêntese, fundamenta-se no fato de que no espanhol encontram-se ditongos crescentes em muitos verbos irregulares com a forma rizotônica em /e/, a exemplo dos verbos *tener- tienes, querer- quieres, perder- pierdes, entender- entiendes* e etc. Esse fato poderia fazer com que os informantes estivessem fazendo generalizações, o que segundo Fernández (1995, p. 209) seria uma generalização paradigmática, a qual está entre os processos de aquisição de uma L2, no estágio intermediário. No entanto, observa-se nos resultados apontados pelo Programa que embora haja no nível principiante um percentual alto de vocábulos verbais com a epêntese vocálica (72.25%) equivalente a 487 ocorrências, o mesmo não se dá no nível intermediário, no qual a epêntese é mais encontrada nos vocábulos nominais (224 dados, referentes a 60.06%).

Outro fator a se considerar é o fato de que na língua-alvo – o espanhol (*ap. QUILIS, 2000, p. 41*), há oito ditongos crescentes, diferentemente do português, no qual ocorrem unicamente as sequências /k^w/, /g^w/, as quais na interpretação de Bisol (2014, p.119) são formas lexicalizadas, inexistindo, assim, no português ditongos crescentes. As sequências que ocorrem como ditongos crescentes na língua portuguesa variam com formas em hiato, não são, portanto, lídimos ditongos crescentes. Por conseguinte,

haeria na língua-alvo um traço recorrente, reproduzido pelo aprendiz em outros contextos, que não apenas nos vocábulos verbais, como: der[je]cho, m[je]nte, g[je]nio, esp[je]jo e etc.

Na variável extralinguística ‘instrumentos de coleta’, como se pode observar na Tabela 13, a variante apontada pelo Programa como aquela que possui o maior número de dados em todos os níveis de estudo formal do espanhol é a denominada ‘entrevista’. No entanto, deve-se atentar para o fato de que a variante ‘leitura de textos autênticos’, apresenta quase o mesmo número de dados epentetizados, seja no nível intermediário seja no avançado. Isso poderia evidenciar que, nos dados desta pesquisa, mesmo com o avanço no estudo formal do espanhol os informantes seguem produzindo formas epentéticas. Em outras palavras, independentemente do instrumento utilizado segue o uso da estratégia de inserção do glide palatal.

Considerados e analisados os dados relativos às variáveis controladas na presente pesquisa, conclui-se que a inserção do glide [j] é mais facilitada quando, no contexto precedente, o segmento se apresenta como uma consoante plosiva [coronal]. Além disso, a vogal da sílaba precedente é apontada como uma coronal que carrega os traços de abertura [-ab1, +ab2]. O mesmo acontece com a vogal da sílaba seguinte, a qual deve ser uma coronal do tipo [-ab1, +ab2]. Com respeito à consoante da sílaba alvo da epêntese, nesta posição encontra-se uma consoante nasal [coronal]. Esse cenário de grande inserção do glide palatal [j] é propiciado, majoritariamente, nos dados referentes ao nível ‘principiante’ de estudo formal do espanhol-L2.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, que teve como objetivo descrever e analisar o processo epentético vocálico na aquisição do espanhol L2 por falantes nativos do português em contexto formal de aprendizagem, com base em pressupostos teóricos da fonologia não-linear (Teoria da sílaba (Selkirk, 1982) e Teoria autosegmental (Clements e Hume, 1995), o glide palatal [j] foi o foco de estudo em virtude de ter ocorrido maciçamente no *corpus*, contrariamente ao que se deu com o glide dorsal [w], diagnosticado em reduzidos casos e, por isso, desconsiderado da análise.

As questões que nortearam este estudo e as possíveis respostas a que se chegou, a partir do objetivo geral do estudo – analisar e descrever as possíveis variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionadoras do fenômeno de inserção do glide palatal [ɛɾ] e sobre as quais se discorreu até então são as de que o contexto preferencial de inserção do glide palatal é uma sílaba fechada, do tipo CVC, cuja *coda* é uma consoante nasal [coronal]. Em havendo vogais em contexto precedente e seguinte, essas se caracterizaram pelos traços [coronal] e grau de abertura [-aberto1+ aberto2], o qual caracteriza vogais médias. A consoante *onset* preferida para acompanhar a forma epentetizada é uma plosiva e os vocábulos em que mais houve a epêntese estudada, são verbais, seja no nível inicial ou no nível avançado de estudo formal do espanhol.

No que respeita às variáveis extralinguísticas, a variável relativa ao nível de estudo formal de espanhol L2, na forma da variante 'princiante', é o fator preponderante para o desencadeamento da epêntese, enquanto para a variável 'instrumento de coleta', a variante que mais se sobressai é a entrevista.

Quanto à hipótese de que a epêntese vocálica decorre de um processo assimilatório dos traços de altura do elemento que lhe é contíguo, isso não foi confirmado. O Programa Computacional não selecionou quaisquer variáveis como significativas para a inserção do glide palatal [j]; desta feita, pode-se referir tão somente que na análise estatística por percentual empreendida na presente pesquisa os traços

de abertura e de ponto de articulação das vogais precedente e seguinte, traduzida como a vogal média-alta coronal /e/ em ambos os contextos, pareceu desempenhar algum papel na inserção do glide [j]. Isso sugere, então, que o processo de inserção do glide [j] se dê por assimilação do traço [coronal] do contexto que se lhe avizinha.

O glide palatal [j] foi maciçamente empregado no *corpus* da pesquisa, contrariamente ao que se deu com respeito ao glide dorsal [w], diagnosticado em reduzidos casos nos dados levantados, motivo pelo qual o foco do trabalho foi o glide [ɛr].

Para a hipótese de quanto maior o domínio do espanhol, menor a ocorrência da epêntese, isso parece ser confirmado pelos resultados a que se chegou. A variável extralinguística 'Nível de adiantamento no estudo formal do espanhol', apresenta um decréscimo no uso da epêntese do glide [j], partindo-se do nível avançado até se chegar ao nível principiante. O nível principiante é aquele em que mais se emprega a forma epentética, seguido, em nível decrescente de uso desse elemento, pelo nível intermediário, o qual, por sua vez, é sucedido pelo nível avançado, em que a estratégia de epêntese aparece minimamente.

Isto posto, acredita-se que o presente trabalho possa servir de subsídio para futuros estudos relativos à interfonologia do espanhol, no que tange à epêntese vocálica, bem como para o ensino desse idioma como língua estrangeira. Esse empreendimento poderia se dar mediante uma pesquisa de cunho longitudinal do fenômeno de epêntese vocálica no espanhol-L2, em contexto formal de aprendizagem, por falantes nativos do português brasileiro.

Reitera-se, por fim, que a despeito de a ocorrência da epêntese vocálica ser fartamente observada em sala de aula de espanhol como LE, não há na literatura da área estudos cujo foco seja esse processo linguístico. Esse foi, pois, um desafio enfrentado pela pesquisadora ao empreender o presente trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, C. C. *O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português*. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 1998.

AMARAL, L. I. C. *O abaixamento de /i/ e de /u/ no português da campanha gaúcha*. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 1996.

ASSIS, A. M. . *A interferência fonológica do português L1 na aquisição de inglês L2: os traços [+tenso] e [-tenso]*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008

BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.), *Gramática do Português Falado*. São Paulo SP: Humanitas, VII, 701-742.

_____. *Gramática do Português Falado*. v. 6, FAPESP, 1999 a.

_____. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A*, 1989, vol. 5, n.2: 185-224.

_____. Harmonização vocálica: uma regra variável. Tese (doutorado). UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In.: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. 206-244.

_____. Syllable typology. *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Elsevier, 2 ed., v. 12, 333-337, 2006.

BRISOLARA, L, B; SEMINO, María, J, I. *¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: ejercicios prácticos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 16. Ed., Petrópolis, Vozes, 1992.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 35º ed. Petrópolis: Vozes, [1970] 2000.

CLEMENTS, G. *On the representation of vowel height* .*Manuscript*. University of Cornell, 1989.

_____. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n. 5, p. 77-123, 1991.

_____, HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.

CHITORAN, I.; HUALDE, J. I. From hiatus to diphthong: the evolution of vowels sequences. *Romance phonology*, v. 24, p. 37-75, 2007.

COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In.: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro*. (orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-133.

_____. Acento secundário em português. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v.29, n.4. pg 43-53, dez. 1994.

CORDER, Stephen Pit. La importancia de los errores del que aprende una lengua segunda. In: MUÑOZ LICERAS, Juana. *La Adquisición de Lenguas Extranjeras*. Madrid: Visor, 1992.

FERNÁNDEZ, Sonsoles. Errores de desarrollo y errores fosilizables en el aprendizaje del E/LE. *Tratamiento Didáctico*. ASELE Actas. v. 1, 1995.

_____. *Análisis de errores e interlengua en la aprendizaje del Español como lengua extranjera*. Tese (doutorado). U.Complutense. Madrid, 1990.

FUDJE, E. Syllables. *Journal of Linguistics*. n.5. p. 253-28, 1969.

GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado, PhD). Cambridge, Mass. : Mit Press, 1976.

GONZÁLES, A. *Conjugar es fácil*. Madrid, 1ª edição. Edelsa Grupo Didascalía, S.A, 2008.

ITÔ, J. *Syllable Theori in Prosodic Phonology*.Tese (Doutorado, PhD). University of Massachussetts, 1986.

HARRIS, J. Evidence from Portuguese for the Else where Condition in Phonology. *Linguistic Inquiry*. Cambridge, Mass. v.5, n.1, p. 61-80, 1974.

HOOPER, J. *An introduction to Natural Generative Phonology*. New York : Academic Press, 1976.

KAHN, D. *Syllable-based generalizations in English Phonology*. Tese (Doutorado, PhD). Cambridge, Mass: MIT, 1976.

LADO, R. *Introdução à lingüística aplicada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972. p.167.

_____. *Linguistics across cultures: Applied Linguistics for language teachers*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1957.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola 2008. p. 208.

LEBEN, W. *Suprasegmental phonology*. (Tese Doutorado PhD), Cambridge, Mass. MIT, 1973.

LEFFA, V. J. *Metodologia do ensino de línguas*. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MARTIN, I. R. *Saludos Curso de lengua española*. São Paulo: Ática, 2012.

MATZENAUER, C. L. *Introdução à teoria fonológica*. In: BISOL, Leda. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2005.

MICCOLI, L. *Aproximando teoria e prática para professores de línguas estrangeiras*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

NAVARRO TOMÁZ, T. *Manual de pronunciación española*. CSIC. Madrid, 23ª edição, 1989.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

NÚÑEZ, R.; MORALES, F. A. *Fonología Generativa Contemporánea de la lengua española*. Washingtondc: Georgetown university press, 1999.

PENNY, R. J. *Gramática histórica del español*. Editorial Ariel, 2006.

PIKE, K.; PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. *International Journal of Applied Linguistics*, n.13, p. 78-91, 1947.

QUILIS, Antônio. *Principios de fonología e fonética españolas*. 3ª ed. Madrid, 2000.

_____. *Tratado de fonología y fonética española*. 2ª ed. Madrid, 1999.

QUILIS, Antônio Y Fernandez, J.A. *Curso de fonética y fonología españolas*. 11ª ed. Madrid: CSIC, 1985.

SELKIRK, E. On the major class features and syllable theory. In: ARONOFF, M.; OEHLER, R. *Languaje Sound Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, p.107-136, 1984.

_____. The Syllable. In: HULST; SMITH. (eds.). *The Structure Phonological Representations* (Part II). Dordrecht Foris. p. 337-383, 1982.

SILVA, C. *Epêntese diante do segmento [w] no espanhol do Uruguai*. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pelotas, 2000.

ANEXO 1

Lista de palabras aisladas (palavras isoladas)

- | | | | |
|-----|------------|-----|--------------|
| 1. | Ciudadanía | 16. | esperanza |
| 2. | Corta | 17. | lentes |
| 3. | Gusta | 18. | entender |
| 4. | Teatro | 19. | florestas |
| 5. | Paella | 20. | gênio |
| 6. | Dedos | 21. | especial |
| 7. | Noche | 22. | realidade |
| 8. | Cumpleaños | 23. | faena |
| 9. | Corazón | 24. | esperanza |
| 10. | Felicidad | 25. | extender |
| 11. | Verdade | 26. | requerir |
| 12. | Tener | 27. | contente |
| 13. | Ladrones | 28. | presente |
| 14. | coca-cola | 29. | serenidade |
| 15. | ciudad | 30. | prosperidade |

ANEXO 2

Roteiro para entrevista

Cuestionario

1. ¿Cómo te llamas? No es necesario el apellido.
2. ¿Cuántos años tienes?
3. ¿De dónde eres?
4. ¿Siempre viviste en la ciudad de pelotas?
5. En caso de que seas de otro lugar, háblame desde que año vives en Pelotas y por cuál motivo.
6. ¿Cuántos años tienes?
7. ¿Cuál tu estado civil?
8. ¿Trabajas?
9. ¿A qué te dedicas?
10. ¿Te gusta lo que haces? Háblame un poco de tu trabajo.
11. ¿Has vivido en algún país de habla hispánica?
12. En caso de que hayas vivido en un país de habla hispánica, cuéntame un poco de tu experiencia y aprendizaje del español.
13. ¿Aprendiste dónde y con quién?
14. Cuéntame un poco de tu cotidiano.
15. ¿Tienes hijos?
16. ¿Cuál la escolaridad de tus padres?
17. ¿Qué te llevó a la elección del curso de Letras - español?
18. ¿Qué otra profesión seguirías?
19. ¿Vives con otras personas?
20. ¿Tienes hermanos?
21. En caso de que tengas hermanos, háblame de ellos.
22. ¿Cuáles son tus planes para después de graduarte?
23. ¿Cuáles son tus perspectivas para la carrera de profesor?

24. ¿Qué opinión tienes sobre la universidad?
25. ¿Hay alguien en tu familia que sea profesor?
26. En verano, ¿prefieres la playa de Laranjal, Sao Lourenço u otra?
27. Háblame un poco de tu infancia.
28. ¿Qué tipo de festejos había en tu ciudad durante tu niñez? ¿Participabas de ellas? ¿Y hoy?
29. ¿Cuál es tu refresco predilecto?
30. ¿Qué regalo ha sido inolvidable para ti?
31. ¿Cómo era la escuela en qué estudiaste durante la enseñanza fundamental y media?
32. ¿La escuela de hoy, es igual a la que frecuentaste? ¿Te parece mejor o peor?
33. ¿Mantienes contacto con tus compañeros de esa época?
34. ¿Cuáles tus mejores recuerdos del período de la escuela?

ANEXO 3

Lee las frases a continuación

1. Su proceso de aprendizaje mejora cada día más.
2. Los ingresos para el cine. Ya los tengo.
3. Los coches andan más rápidos que una bicicleta.
4. Ellas invitaron a unas colegas para la fiesta.
5. La floresta Amazónica es una maravilla.
6. Todos los alimentos orgánicos son mejores.
7. Prefiero carne a pollo.
8. Quisiera que Gabriela sólo tuviese ojos para ti, ¿no?
9. Necesitamos de los aportes de tele.
10. Vamos al colegio por la tarde para practicar deportes.
11. El imperio Inca es uno de los más antiguos.
12. El agua contaminada puede hacer que se difunda el cólera.
13. Será mejor que me quede en su casa por unos días.
14. Quería comprar un coche nuevo, pero ahora no puedo.
15. Julia, pobre mujer, no sabe lo que habla.
16. Jorge, los cipreses de tu casa son muy bellos.
17. La floresta amazónica tiene una diversidad estupenda.
18. Gabriel Garcia Marquez há sido un genio de la literatura.
19. Este árbol no florece más.
20. Los lentes de Pedro son bonitos.
21. Yo tengo pena de los mentirosos.
22. La mente es como un para caídas, solo funciona abierta.
23. El continente americano es inmenso.
24. Eres un hombre muy serio.
25. Sólido es un estado físico.
26. Juan es débil, alegre y muy moderno.
27. Me gusta más la gaseosa que la cerveza.
28. Voy al dentista, pues estoy con dolor en las muelas.

29. Nuestra lengua materna no es el español.
30. Su cartel del alfabeto está muy bonito.
31. Mi reloj está encima del cuaderno.
32. Las rosas junto con los céspedes se quedan mejores.
33. Este director vive en Costa Rica.
34. Fuimos a Europa en el invierno.
35. El imperio romano duró muchos siglos.
36. Los días que más me gustan son miércoles, jueves, viernes.
37. Mi teléfono está en mi tarjeta.
38. Al oeste hay una bonita selva.
39. Me gustaría conocer tus enfoques metodológicos.
40. Encontramos aquí un completo léxico que les va a encantar a los jóvenes.
41. Pedagógicamente esto es estupendo.
42. Mi nuevo amigo vive en Suecia y escribe novelas.
43. Laura es excéntrica
44. Hoy, como ya saben, vivo en México.
45. En Buenos Aires hay subterráneos que transportan millón de personas.
46. Cerca del colegio hay un quiosco.
47. A todos les gustan mis caramelos.
48. José, su pasaporte por favor.
49. La lluvia ya empieza a ser molesta.
50. No me gusta mucho patinar, me apetece más jugar al fútbol.
51. Hace sol y esto es muy bueno. Aquí llueve y nieva mucho.
52. Los datos del carnet son correctos.
53. Me gustan los objetos viejos.
54. Voy al cine a ver la película del Óscar.
55. El periódico indica el tiempo atmosférico.
56. Los materiales con que están hechas las cosas varían mucho.
57. Algunas tiendas se especializan en la venta de un sólo tipo de artículos, como vestidos para jóvenes, joyas, telas.
58. En mi casa tengo muchas revistas y periódicos.

59. A nosotros no nos gusta té.

60. Él se despierta en la hora correcta.

ANEXO 4

Barrios olvidado haz un analice del poema del poeta uruguayo Eduardo Galeano. Lee oralmente el texto que se sigue.

En aquel poema, extracto de “El libro de los abrazos” (página 52) publicado en 1989 por el escritor Eduardo Galeano. Esta poesía deduce la denuncia y su visión de los acontecimientos que marcan a Latinoamérica. Se logra apreciar lo que piensa, la realidad de este grupo social más bajo y su condición de serlo. Galeano mantiene la idea que la pobreza de América Latina proviene de la apropiación de riquezas de sus tierras por causa del imperialismo.

Los más desafortunados de la sociedad sienten que ellos dependen de su suerte, pero anhelan a la buena suerte, el cual esa buena suerte no llega a ellos, ni por mucho que realicen actos contra esto. Ya que cada vez hay más diferencia entre los que tienen y los que no.

Estos “nadies” no vendrían siendo nada en la sociedad, porque somos hijos de nadie, ya que nuestros ancestros fueron aniquilados y olvidados. Dueños de la nada porque somos causa del capitalismo mundial, porque nosotros fracasamos, pero los que ganaron fue gracias a nuestro fracaso. Somos ninguno dentro de este mercado mundial, solo importan las riquezas que generan nuestra propia pobreza, y de esa manera alimentamos la prosperidad de los verdaderos dominantes.

Estos “nadies” no poseen identidad, ya que no tenemos idioma, arte, cultura, religión, por que todo fue impuesto por el capital europeo y norteamericano, aunque no dejamos de lado el folcklore o como tantas otras características que aun no se erradican.

Estos “nadies”, hombres, somos vistos como recursos humanos, mercancías porque solo a estos centro de poder les importa nuestra capacidad de trabajo y de consumo.

Este fracaso continental es nuestro, somos un continente reprimido, oprimido solo por estos lejanos centros de poder. ¿No será hora de revelarnos y doblregar el

sistema llevado hasta ahora? ¿No será momento de creer quizás en las utopías? ¡Es el instante de nacer!

<http://raicesdecemento.blogspot.com.br/2010/06/analisis-del-poema-los-nadies-de.html>

ANEXO 5

Versos sencillos

José Martí

Yo soy un hombre sincero
De donde crece la palma,
Y antes de morirme quiero
Echar mis versos del alma.

Yo vengo de todas partes,
Y hacia todas partes voy:
Arte soy entre las artes,
En los montes, monte soy.

Yo sé los nombres extraños
De las yerbas y las flores,
Y de mortales engaños,
Y de sublimes dolores.

Yo he visto en la noche oscura
Llover sobre mi cabeza
Los rayos de lumbre pura
De la divina belleza.

Alas nacer vi en los hombros
De las mujeres hermosas:
Y salir de los escombros,
Volando las mariposas.

He visto vivir a un hombre

Con el puñal al costado,
Sin decir jamás el nombre
De aquella que lo ha matado.

Rápida, como un reflejo,
Dos veces vi el alma, dos:
Cuando murió el pobre viejo,
Cuando ella me dijo adiós.

Temblé una vez,— en la reja,
A la entrada de la viña,—
Cuando la bárbara abeja
Picó en la frente a mi niña.

Gocé una vez, de tal suerte
Que gocé cual nunca: — cuando
La sentencia de mi muerte
Leyó el alcaide llorando.

Oigo un suspiro, a través
De las tierras y la mar,
Y no es un suspiro,— es
Que mi hijo va a despertar.

Si dicen que del joyero
Tome la joya mejor,
Tomo a un amigo sincero
Y pongo a un lado el amor.

Yo he visto al águila herida
Volar al azul sereno,

Y morir en su guarida
La víbora del veneno.

Yo sé bien que cuando el mundo
Cede, lívido, al descanso,
Sobre el silencio profundo
Murmura el arroyo manso.

Yo he puesto la mano osada,
De horror y júbilo yerta,
Sobre la estrella apagada
Que cayó frente a mi puerta.

Oculto en mi pecho bravo
La pena que me lo hiere:
El hijo de un pueblo esclavo
Vive por él, calla, y muere.

Todo es hermoso y constante,
Todo es música y razón,
Y todo, como el diamante,
Antes que luz es carbón.

Yo sé que el necio se entierra
Con gran lujo y con gran llanto,
Y que no hay fruta en la tierra
Como la del camposanto.

Callo, y entiendo, y me quito
La pompa del rimador:
Cuelgo de un árbol marchito

Mi muceta de doctor.

José Martí

Versos Sencillos (1891)

ANEXO 6

Lista de figuras



ANEXO 7

Termo de consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Letras



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Senhor (a) informante,

Convidamos você a participar de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Pelotas, que tem por objetivo investigar a aquisição da língua espanhola por alunos da graduação. Tal estudo nos ajudará a compreender a produção de algumas vogais do espanhol por brasileiros.

- **A participação nesta pesquisa é totalmente livre**, sendo que o participante poderá desistir da participação em qualquer momento, sem que haja nenhum prejuízo.

- **Não haverá qualquer tipo de identificação dos participantes** da pesquisa nos trabalhos publicados, pois os dados serão utilizados somente para a construção desta pesquisa.

- **Não haverá nenhum tipo de despesa financeira** decorrente da participação nesta pesquisa.

A pesquisa será realizada em dois momentos, inicialmente o informante irá participar de uma entrevista, em seguida, irá ler algumas palavras, após se dará a leitura de algumas frases e dois textos. Ao final, o informante irá identificar algumas imagens que serão apresentadas na tela de um computador. A fala do informante será gravada por meio de um gravador digital, mas, em nenhum momento a identidade do informante será exposta.

Caso haja dúvida, entrar em contato por e-mail: marciaespanhol2009@hotmail.com.

Eu, _____

Rg: _____, concordo com a minha participação como
sujeito dessa pesquisa.

Assinatura do informante

Márcia de Ávila Evangelista Profa. Dra. Cíntia Alcântara Profa. Dra. Ana Lourdes Fernández
Mestranda – PPGL/UFPEL Orientadora – PPGL/UFPEL Coorientadora – PPGL/UFPEL

Pelotas, ____ de _____ de 2016.